

V Exposição da Memória Institucional da Justiça Federal do Paraná

Parte II

80 anos do Dia da Vitória (fim da 2ª Guerra Mundial) e a participação de servidores pioneiros da JFPR como combatentes da FEB

Imagem: Soldados da FEB sendo saudados por moradores de Massarosa. Setembro, 1944. Foto: Durval Jr. Wikipedia.

O que foi a Segunda Guerra Mundial?

Foi o maior conflito da humanidade, que aconteceu entre 1939 e 1945, em diferentes locais da Oceania, Ásia, África e Europa.

A Guerra foi travada entre países Aliados - Reino Unido, França, EUA e URSS, com o envolvimento também de outras nações apoiadoras - e países do Eixo - Itália, Alemanha e Japão e outras nações que os apoiavam.

Foi a guerra mais abrangente da história, com mais de 100 milhões de militares mobilizados. Os principais envolvidos dedicaram toda sua capacidade econômica, industrial e científica a serviço dos esforços de guerra.

Teve como consequências a morte de, aproximadamente, 70 milhões de pessoas – 55 milhões de civis e 25 milhões de soldados, milhões de feridos e mutilados, destruição material significativa de cidades e patrimônios, empobrecimento e endividamento de todos os países envolvidos.



A participação do Brasil no conflito

O Brasil manteve, inicialmente, uma postura neutra na Guerra, priorizando interesses econômicos.

Em **fevereiro de 1942**, porém, submarinos alemães e italianos iniciaram o torpedeamento de embarcações brasileiras no oceano Atlântico em represália à adesão do Brasil aos compromissos da **Carta do Atlântico** (que previa o alinhamento a qualquer nação do continente americano que fosse atacada por uma potência extracontinental), o que tornava sua neutralidade apenas teórica. O ataque a navios também visava impedir a remessa de suprimentos ao Reino Unido, enviados pelos EUA e Brasil.

36 navios mercantes brasileiros foram afundados em 1942 - por 21 submarinos alemães e 2 italianos - causando 1.074 mortes, principal motivo da declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália.



Capa do jornal O Globo com a manchete do afundamento do navio brasileiro Buarque, em fevereiro de 1942.

Durante o ano de 1942, em meio a incentivos econômicos e pressão diplomática, os americanos instalaram bases aeronavais ao longo da costa Norte-Nordeste brasileira. Após meses de torpedeamento de navios mercantes brasileiros, o Governo Brasileiro declarou guerra à Alemanha nazista e à Itália fascista em **agosto de 1942**.

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial deu início a uma onda de violência contra imigrantes alemães, italianos e japoneses por todo o país. Houve ataques a casas, lojas e igrejas destas etnias, pois eram consideradas inimigas do país.

O **Decreto-Lei nº 4.166/1942**, editado pelo então presidente Getúlio Vargas, permitia ao governo brasileiro se apropriar de bens e direitos de indivíduos de países do Eixo, responsabilizando-os pelos atos de seus países de origem.

Veja trechos ao lado.

Falar as línguas originárias em público também era proibido.

Em 1946, um decreto do então presidente Eurico Gaspar Dutra devolveu os bens e direitos dos cidadãos italianos. Demais bens confiscados de alemães e japoneses foram devolvidos ao longo dos anos. Restava o prédio de uma escola japonesa em Santos (SP), que havia sido ocupada pelo Exército e foi devolvida em 18 de junho de 2018 à Associação Japonesa de Santos, durante as comemorações dos 110 anos da imigração japonesa ao Brasil. Os bens não reclamados foram incorporados ao patrimônio da União.

Art. 1º Os bens e direitos dos súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas, respondem pelo prejuízo que, para, os bens e direitos do Estado Brasileiro, e para a vida, os bens e os direitos das pessoas físicas ou jurídicas brasileiras, domiciliadas ou residentes no Brasil, resultaram, ou resultarem, de atos de agressão praticados pela Alemanha, pelo Japão ou pela Itália.

Art. 2º Será transferida para o Banco do Brasil, ou, onde este não tiver agência, para as repartições encarregadas da arrecadação de impostos devidos à União, uma parte de todos os depósitos bancários, ou obrigações de natureza patrimonial superiores a dois contos de réis, de que sejam titulares súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas.



A criação da FEB

No dia **13 de agosto de 1943** foi criada a **Força Expedicionária Brasileira (FEB)**. As tropas foram enviadas ao combate no dia **2 de julho de 1944**. Pouco antes de o navio-transporte General Mann partir, com 5.075 soldados a bordo, Getúlio Vargas despediu-se dos “pracinhas”.



Presidente Getúlio Vargas visita expedicionários antes do embarque para a Itália
(Foto Arquivo Nacional e U.S. National Archives)
Fonte: Agência Senado



Soldados despedem-se das famílias rumo à Itália



O comandante da FEB foi o **General João Batista Mascarenhas da Moraes**, escolhido para o posto diretamente por Vargas.

Mas...por que “Pracinhas”?

O termo “**pracinha**” surgiu da expressão “**sentar praça**”, que significa se alistar nas Forças Armadas. O apelido era atribuído aos soldados, detentores da patente mais baixa da hierarquia militar. Muitos dos expedicionários não gostavam de ser chamados de “pracinhas”, justamente por significar, no jargão militar, o soldado raso e sem qualificação. Para eles, o diminutivo dava uma carga ainda mais negativa à palavra. Os detratores da FEB por muito tempo espalharam que os enviados à Itália eram um grupo de desdentados e maltrapilhos, despreparados para o combate, e que serviram de bucha de canhão. E que, tendo chegado apenas nos meses finais, não fizeram diferença na guerra.



Já o historiador Francisco Cesar Ferraz, professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e autor do livro *A Guerra que não Acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira*, discorda dessa descrição: — Eles foram para uma luta de vida ou morte num ambiente desconhecido e extremamente hostil, ora com calor escaldante, ora com temperaturas caindo a -20°C. Foram corajosos, libertaram inúmeras cidades dos nazistas e capturaram, ao todo, mais de 20 mil inimigos. Para uma força composta de 25 mil homens, esse não é um feito desprezível. É com razão que muitos deles rechaçavam a palavra “pracinha”, pois remetia a uma situação de inferioridade que não correspondia à realidade.

“A cobra vai fumar!” O símbolo da FEB

O símbolo da FEB é uma cobra fumando um cachimbo. Existem várias explicações possíveis para a imagem. Segundo a mais plausível, trata-se de uma resposta àqueles que diziam que o Brasil não tinha coragem ou capacidade militar e só iria para a guerra no dia em que uma cobra fumasse. Já na guerra, quando algum conflito se aproximava, os soldados diziam: "A cobra vai fumar". O distintivo com a cobra fumando compôs o uniforme dos expedicionários, costurado na altura do ombro.



Imagens Memorial FEB



O papel da FAB - Força Aérea Brasileira

Embora o Ministério da Aeronáutica já existisse desde **20 de janeiro de 1941**, criado pelo Presidente Getúlio Vargas pelo [Decreto-Lei nº 2.961](#), a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial acelerou a estruturação do setor aéreo no Brasil. O ministro da pasta, Joaquim Salgado Filho, aprimorou sistemas de controle do espaço aéreo e fundou aeródromos para a prática da aviação civil e militar.

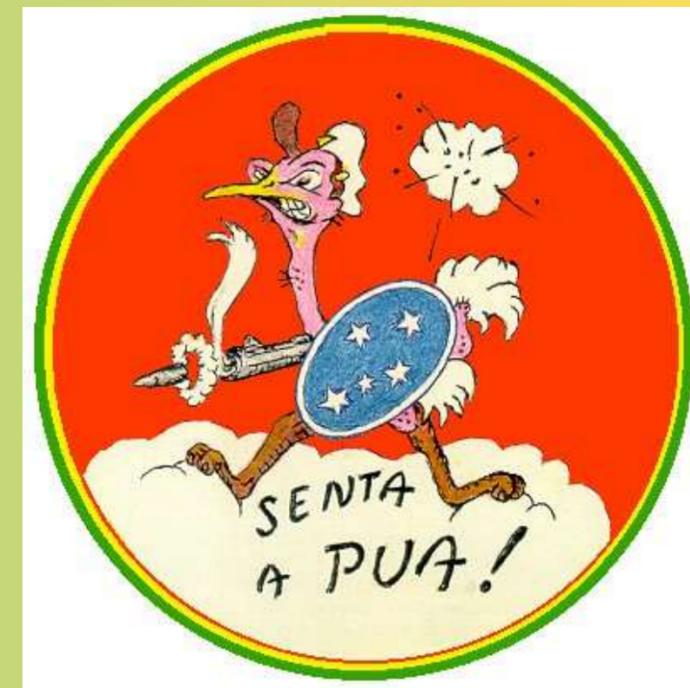


Aviadores da Força Aérea Brasileira, 1944 - FAB.

Após a declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo, em **22 de agosto de 1942**, foi criado, em **18 de dezembro de 1943**, o **1º Grupo de Aviação de Caça (1º GAVCA)** e, em **20 de julho de 1944**, a **1ª Esquadilha de Ligação e Observação (1ª ELO)**. Para comandar as unidades aéreas na Itália, foram designados, respectivamente, o **Major Aviador Nero Moura** e o **Capitão Aviador João Affonso Fabrício Belloc**. Ambos chegaram à Europa em outubro de 1944. Assim, em três anos, o Brasil fundou uma Força Aérea, investiu em formação, infraestrutura e aumento do efetivo e, enfim, desembarcou em um cenário de guerra real.

“Senta a Pua!”, o lema da FAB na guerra

“Senta a Pua” era uma expressão popular nordestina que significava: 'espetar ou cutucar com uma haste ou espora'. A espora era utilizada para apressar o animal usado como montaria para que ele andasse mais rápido, significando algo como "depressa", "vamos embora", "em frente". Relatos de membros do grupo apontam que a expressão era muito utilizada pelo Tenente Firmino Ayres de Araújo, e que foi popularizado dentro do grupo pelo Tenente Rui Moreira Lima. O grito de guerra se tornou tão popular que foi introduzido no emblema do GAVCA.



A participação de mulheres brasileiras na Guerra

As 67 enfermeiras que se juntaram às tropas brasileiras da FEB e à Força Aérea Brasileira (seis do Grupo de Caça Aéreo da FAB) rumo à Itália serviram em quatro diferentes hospitais de campanha do exército norte-americano montados em Nápoles, Valdibura, Pisa, Pistoia e Livorno. Somavam, portanto, 73 jovens, formadas nas escolas de enfermagem do Rio (Anna Nery, Alfredo Pinto - UniRio e Cruz Vermelha Brasileira) e de São Paulo (Escola de Enfermagem da USP). Tornaram-se as primeiras mulheres a ingressar no serviço ativo na história das Forças Armadas no país, em atendimento ao [Decreto-Lei nº 6097, de 13 de dezembro de 1943](#).

Os requisitos não eram simples. Para inscrever-se, a jovem devia ser brasileira nata, solteira ou viúva, sem filhos, e ter entre 22 e 45 anos. Era preciso apresentar diploma de enfermeira ou certificado de curso de samaritana, voluntária socorrista ou declaração de um estabelecimento de saúde atestando o exercício da função de enfermeira.



Imagens Arquivo Nacional



A campanha do Brasil na Itália

Embora a FEB tenha permanecido na Itália por pouco mais de um ano, até setembro de 1945, os expedicionários estiveram efetivamente nos campos de batalha ao longo de oito meses, de **setembro de 1944 a abril de 1945**.

Como não tinha nenhuma experiência de guerra, a FEB atuou na campanha da Itália sob o treinamento e o comando dos Estados Unidos. Apesar de o protagonismo ter sido dos brasileiros, os norte-americanos também participaram da conquista.

O Brasil foi o único país da América Latina a combater na Europa. O México também se envolveu na Segunda Guerra Mundial, mas seus soldados lutaram nas Filipinas.

O grande desafio das tropas brasileiras foi vencer a chamada Linha Gótica* e penetrar nos territórios dominados pelos alemães.



Desembarque do 1º Escalão da FEB na Itália - Arquivo do Exército



As formações dos Corpos Aliados são representadas em azul. As linhas defensivas alemãs são mostradas em verde. A linha vermelha sólida indica a extensão do avanço aliado até 29 de agosto de 1944, e a linha vermelha pontilhada indica a extensão do avanço aliado até 31 de dezembro de 1944.

*A Linha Gótica foi uma forte linha defensiva, montada pelos Nazistas, com o objetivo de travar os avanços das tropas da Força Aliada na Itália. Com aproximadamente 280 quilômetros de extensão, a defensiva alemã partia da região costeira do Mar Tirreno, cruzando a Itália de oeste a leste, terminando em Pesaro e Rimini, já na faixa litorânea do Mar Adriático.

Na fase final da ofensiva na Itália, as Forças Aliadas tinham como objetivo romper definitivamente essa forte linha defensiva, que impedia o avanço das tropas rumo à Europa Central.

A 1ª etapa da campanha da FEB na Itália iniciou-se em **setembro de 1944**, com a libertação das cidades de **Massarosa, Camaiore e Monte Prano**.

A 2ª e mais longa etapa da FEB na Itália, entretanto, foi a missão de tomar o complexo formado por **Monte Castello, Belvedere, Della Torraccia e Castelnuovo di Vergato**, além de outras posições montanhosas em seus arredores.



O general alemão Otto Freter Pico rende-se ao exército brasileiro, após a Batalha de Collecchio, em 29 de abril de 1945
Imagens Wikimedia Commons

Em 1943, quando o líder fascista Benito Mussolini foi deposto, a Itália abandonou os nazistas e passou para o lado dos Aliados (Grã-Bretanha, França, União Soviética e Estados Unidos). Hitler, em reação, invadiu a Itália. Os Aliados, então, agiram para livrar os italianos do jugo nazista, avançando do sul para o norte. Quando os brasileiros chegaram para engrossar a frente aliada, Roma já estava livre. Os expedicionários lutaram no norte, buscando empurrar os alemães para fora do país.



A batalha se estendeu por três meses, marcados por tentativas frustradas e grandes dificuldades. O primeiro ataque ocorreu em **24 de novembro de 1944**, quando tropas brasileiras e americanas tentaram tomar o monte. No segundo dia, os aliados chegaram ao topo, mas foram expulsos por uma contraofensiva alemã.

A FEB libertou em torno de 50 localidades italianas. A última a ser tomada dos nazistas, em 29 de abril, foi a pequena Fornovo di Taro, onde nada menos que 15 mil soldados inimigos se entregaram aos brasileiros. A Alemanha se renderia incondicionalmente aos aliados em 7 de maio.



Fotos da movimentação das tropas
brasileiras em direção ao Monte
Castello - Arquivo Nacional

Em **29 de novembro**, uma nova investida foi realizada, desta vez quase exclusivamente pela FEB. No entanto, as más condições climáticas e a forte resistência inimiga impediram o avanço. Uma terceira tentativa foi feita em **12 de dezembro**, mas os brasileiros foram novamente rechaçados, sofrendo pesadas baixas.

A grande virada veio em **fevereiro de 1945**, com a chamada **Operação Encore**. Sob um novo planejamento e com o apoio da 10ª Divisão de Montanha americana, a FEB iniciou o ataque final.

No dia **21 de fevereiro**, às 17h30, soldados brasileiros do Batalhão Franklin alcançaram o topo de Monte Castello, consolidando a vitória.



O sucesso da operação foi atribuído, em grande parte, à eficiência da artilharia brasileira, comandada pelo **General Cordeiro de Farias**. O fogo preciso dos canhões garantiu a cobertura necessária para o avanço das tropas e neutralizou as posições inimigas, permitindo que os pracinhas tomassem o monte e cravassem ali a bandeira brasileira.

A conquista de Monte Castello abriu caminho para o avanço aliado rumo ao norte da Itália, contribuindo para o colapso das forças nazistas na região.

Para a FEB, essa vitória se tornou um símbolo da coragem e da determinação dos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial.



SERA' ASSINADO HOJE O DECRETO QUE CONCEDE ANISTIA PLENA

DESMORONAM-SE AS DEFESAS DE BERLIM

SOB ASSÉDIO DA MAIOR CONCENTRAÇÃO DE FORÇAS NO OESTE E NO LESTE, ESTÃO SE RENDENDO, EM MASSA, INCONDICIONALMENTE DIANTE DA CAPITAL DO REICH, CONTINGENTES INTEIROS DE TROPAS COM SEUS COMANDANTES

PARIS, 17 (U. P.) — Informamos que as defesas alemãs de Berlim estão se desmoronando ante os terríveis golpes da artilharia e dos "tanques" norte-americanos. Três exércitos norte-americanos estão assediando as últimas defesas externas de Berlim, preparando-se para capturar as forças alemãs.

RUÍDO NO OESTE E NO LESTE

PARIS, 17 (U. P.) — As defesas alemãs de Berlim estão se desmoronando ante os terríveis golpes da artilharia e dos "tanques" norte-americanos. Três exércitos norte-americanos estão assediando as últimas defesas externas de Berlim, preparando-se para capturar as forças alemãs.

EDICÃO DAS 11 HS.

REESTABECIMENTO IMEDIATO da Constituição de 1934

A transferência do poder do chefe do Governo para o Supremo Tribunal Federal como único órgão legal dentro do Estado.

A MAIOR DERROTA DA LUFTWAFFE

VITÓRIA MAIS DIFÍCIL QUE A DE MONTE CASTELO!

O GLOBO

PÂNICO EM BERLIM

TOMADA DE MONTE CASTELO PELAS FORÇAS DO BRASIL CONSTITUIU UMA ESPETACULAR FAÇANHA DE GUERRA!

O CRUZEIRO DO SUL

Nº. 16 — Ano I.

Publicação do SERVIÇO ESPECIAL da F. E. B.

CONQUISTADO O MORRO DO CASTELLO

IRMANADOS NA LUTA OS INFANTES DE MORRO DO CASTELLO E OS AVIADORES DO BRASIL

O GENERAL CLARK NO Q. G. DO GENERAL MASCARENHAS

DE MORAES — A IMPRENSA ITALIANA EXALTA A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NESTA GUERRA!

A Força Expedicionária Brasileira registrou no dia 21 do corrente uma esplêndida vitória, envolvendo e conquistando o morro do Castelo.

Clark no Q. G. do General Mascarenhas

Logo depois do meio-dia, estiveram em visita ao Posto de Observação Avançado do General Mascarenhas de Moraes o General Mark Clark, todo das ofensivas americanas em direção aos objetivos.

A imprensa italiana exalta a atuação do Brasil na guerra

A conquista do Castelo recentemente o seu contingente no 15º Grupo de Exércitos, e os seus soldados, já distinguidos em brilhantes ações, conseguiram

Itália — Domingo, 25 de Fevereiro de 1945

Correio da Manhã

HOJE, O DIA DA VITÓRIA

Churchill fará a proclamação oficial — Truman falará de Washington — O mundo delira com a derrota da Alemanha — Grupos esparsos resistem na Tchecoslováquia





Gratidão dos ingleses

ESTATUTOS EM PRISÃO

Molotov assegura o êxito da Conferência

OS CHEFES ALIADOS PROCLAMAM A VITÓRIA!

Churchill, Truman e De Gaulle anunciam a cessação da luta na Europa — "Dia solene e glorioso", acrescenta o presidente americano — Advertência ao Japão — Eisenhower também anuncia o fim da luta, que será confirmado em Berlim — Rendição incondicional aos aliados e à Rússia — As hostilidades terminaram um minuto após a meia-noite de hoje

ANO XXXIV Rio de Janeiro — Terça-feira, 8 de maio de 1945 N. 11.936

A NOITE

ASSINADA A RENDIÇÃO TOTAL

A FEB em números

Combatentes da Força Expedicionária Brasileira participaram da 2ª Guerra Mundial em 1944 e 1945 na campanha da Itália

- 25.334 total de combatentes
- 1.577 feridos em combate
- 487 acidentados em combate
- 658 acidentados fora de combate
- 457 mortos em combate
- 35 prisioneiros dos inimigos
- 23 desaparecidos



42 expedicionários brasileiros que atuaram na 2ª Guerra estão vivos hoje



99 anos Mais novo

107 anos Mais velho

Fontes: FEB, Censo Permanente da FEB (situação em fevereiro de 2025) e historiadores Cláudio Skora Rosty e Daniel Barreiros

agência Senado

Como nos chegaram tantas informações e fotos da guerra?

Interessante notar que na década de 1940, quando ainda não havia as tecnologias de que dispomos hoje - comunicação via satélite, internet, arquivos em “nuvem”, máquinas digitais, celulares “smart” - tenham sido produzidas imagens incríveis da guerra.

Pelo trabalho de jornalistas correspondentes de guerra, enviados pelos países envolvidos - sobretudo dos Aliados, podemos conhecer os horrores deste conflito.

Com a FEB não foi diferente. Um grupo de jornalistas, fotógrafos e um cinegrafista acompanharam o contingente brasileiro durante a guerra. Boa parte das imagens da Força Expedicionária foi captada pela equipe presente na foto a seguir.



O livro convida o leitor a fazer parte do cotidiano dos 10 correspondentes de guerra do Brasil que cobriram a Força Expedicionária Brasileira - FEB, na Itália entre 1944-45. Esse caminho é remontado com a junção das biografias e obras dos correspondentes, de artigos de jornais da época e de textos inéditos encontrados nos arquivos da censura militar do Exército Brasileiro no Rio de Janeiro. Assim, é possível o leitor embarcar no Rio de Janeiro e permanecer no front ao lado dos jornalistas até o retorno dos soldados, em julho de 1945. Como conteúdo extra, apresenta-se o que houve com cada jornalista no pós-guerra, com informações colhidas em documentos públicos e com filhos e netos dos profissionais. Para ilustrar, há dezenas de fotos inéditas dos jornalistas na época em que estavam com a tropa.

Fonte: Amazon

Leituras complementares

[Fotógrafos de Combate na Segunda Guerra Mundial](#)

[A disseminação da informação jornalística nazista](#)



Correspondentes de Guerra na Itália - em pé, da esq. para a dir.: Rubem Braga (Diário Carioca); Frank Norall (Coordenação de Assuntos Interamericanos); Thassilo Mitke (Agência Nacional); Henry Bagley (Associated Press); Raul Brandão (Correio da Manhã); Horácio Gusmão (Agência Nacional). Na primeira fila: Allan Fischer (fotógrafo da Coordenação de Assuntos Interamericanos); Joel Silveira e Egídio Squeff (O Globo); e Fernando Stamato (cinegrafista da Agência Nacional).

Imagem Memorial da FEB

A Canção do Expedicionário

Você sabe de onde eu venho ?
Venho do morro, do Engenho,
Das selvas, dos cafezais,
Da boa terra do coco,
Da choupana onde um é pouco,
Dois é bom, três é demais,
Venho das praias sedosas,
Das montanhas alterosas,
Dos pampas, do seringal,
Das margens crespas dos rios,
Dos verdes mares bravios
Da minha terra natal.
Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bernal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bernal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Eu venho da minha terra,
Da casa branca da serra
E do luar do meu sertão;
Venho da minha Maria
Cujo nome principia
Na palma da minha mão,
Braços mornos de Moema,
Lábios de mel de Iracema
Estendidos para mim.
Ó minha terra querida
Da Senhora Aparecida
E do Senhor do Bonfim!
Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bernal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.
Você sabe de onde eu venho ?
E de uma Pátria que eu tenho
No bôjo do meu violão;
Que de viver em meu peito
Foi até tomando jeito
De um enorme coração.
Deixei lá atrás meu terreno,
Meu limão, meu limoeiro,

Meu pé de jacarandá.
Minha casa pequenina
Lá no alto da colina,
Onde canta o sabiá.
Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bernal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.
Venho de além desse monte
Que ainda azula o horizonte,
Onde o nosso amor nasceu;
Do rancho que tinha ao lado
Um coqueiro que, coitado,
De saudade já morreu.
Venho do verde mais belo,
Do mais dourado amarelo,
Do azul mais cheio de luz,
Cheio de estrelas prateadas
Que se ajoelham deslumbradas,
Fazendo o sinal da Cruz !
Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa

A Canção do Expedicionário foi escrita pelo poeta Guilherme de Almeida e musicada pelo maestro Spartaco Rossi. Guilherme de Almeida escrevera os versos para um concurso promovido pelo jornal paulistano Diário da Noite, que escolheria uma canção para homenagear os "pracinhas" da FEB. Os versos de Almeida, na versão completa do poema, trazem referências ao Hino Nacional Brasileiro, a versos do poeta Gonçalves Dias e da obra de José de Alencar, além de menções a canções bastante populares, como Meu Limão, Meu Limoeiro, Luar do Sertão, Feitio de Oração, Casinha Pequenina e Casa de Caboclo. Outra característica da letra é a repetição e ênfase de palavras com a letra "v", bastante frequente ali: "V" da "vitória", "volte", "leve", "divisa" etc. A canção ficou famosa na voz de Francisco Alves, que a gravou com a Orquestra Odeon. Acompanhe a bela letra da Canção!

Clique sobre a imagem para acompanhar a execução da canção!



Leitura complementar

[BBC resgata vozes e sambas esquecidos dos soldados brasileiros na 2ª Guerra](#)

A volta da guerra e a dura realidade...

Os papéis históricos do Arquivo do Senado revelam que, apesar de todo o heroísmo, os expedicionários foram praticamente esquecidos e abandonados pelo governo brasileiro assim que a Segunda Guerra Mundial terminou. Ao contrário de países como Estados Unidos, Polônia e União Soviética, que criaram entidades de apoio e ofereceram tratamento físico e psicológico a seus soldados, no Brasil, Vargas e seus sucessores na Presidência da República não se preocuparam em desenhar uma política pública consistente e abrangente para reincorporar os antigos combatentes à sociedade. Dos civis recrutados, muitos não encontraram trabalho quando regressaram para casa. Acreditava-se que eles não eram capazes nem confiáveis porque seguramente tinham "neuroses" — o que hoje se conhece como transtorno de estresse pós-traumático (TEPT).

Além disso, o governo não concedeu imediatamente aos veteranos nenhuma pensão, ainda que tivessem ficado incapacitados em razão da tal "neurose" ou de alguma deficiência física adquirida nos campos de batalha, como um braço mutilado ou um olho cego.

Não foram só os ex-combatentes de origem civil que sofreram no regresso da guerra. Os militares de carreira também enfrentaram dificuldades. Apesar de terem o emprego garantido, eles foram boicotados pelos colegas que haviam permanecido no Brasil durante o conflito.

Estes se sentiram enciumados diante dos expedicionários, que chegaram sendo tratados como heróis, recebendo honrarias e ganhando prioridade nas promoções. Em retaliação, procuraram dar-lhes os trabalhos mais enfadonhos e transferi-los para os quartéis mais remotos e desimportantes do território brasileiro.

Em 1960, uma decisão do prefeito do Distrito Federal, Sá Freire Alvim, provocou indignação generalizada. Os parlamentares locais aprovaram uma lei isentando do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) tanto os veteranos da Itália quanto os futebolistas que venceram a Copa do Mundo de 1958. O prefeito aceitou a isenção aos atletas, mas vetou o benefício aos soldados, sob o argumento de que a medida seria prejudicial aos cofres públicos...

Apenas em 1967, pela [Lei nº 5.315](#), o governo aprovou uma lei dizendo claramente quem eram os ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial e quais deles fariam jus a certos benefícios.

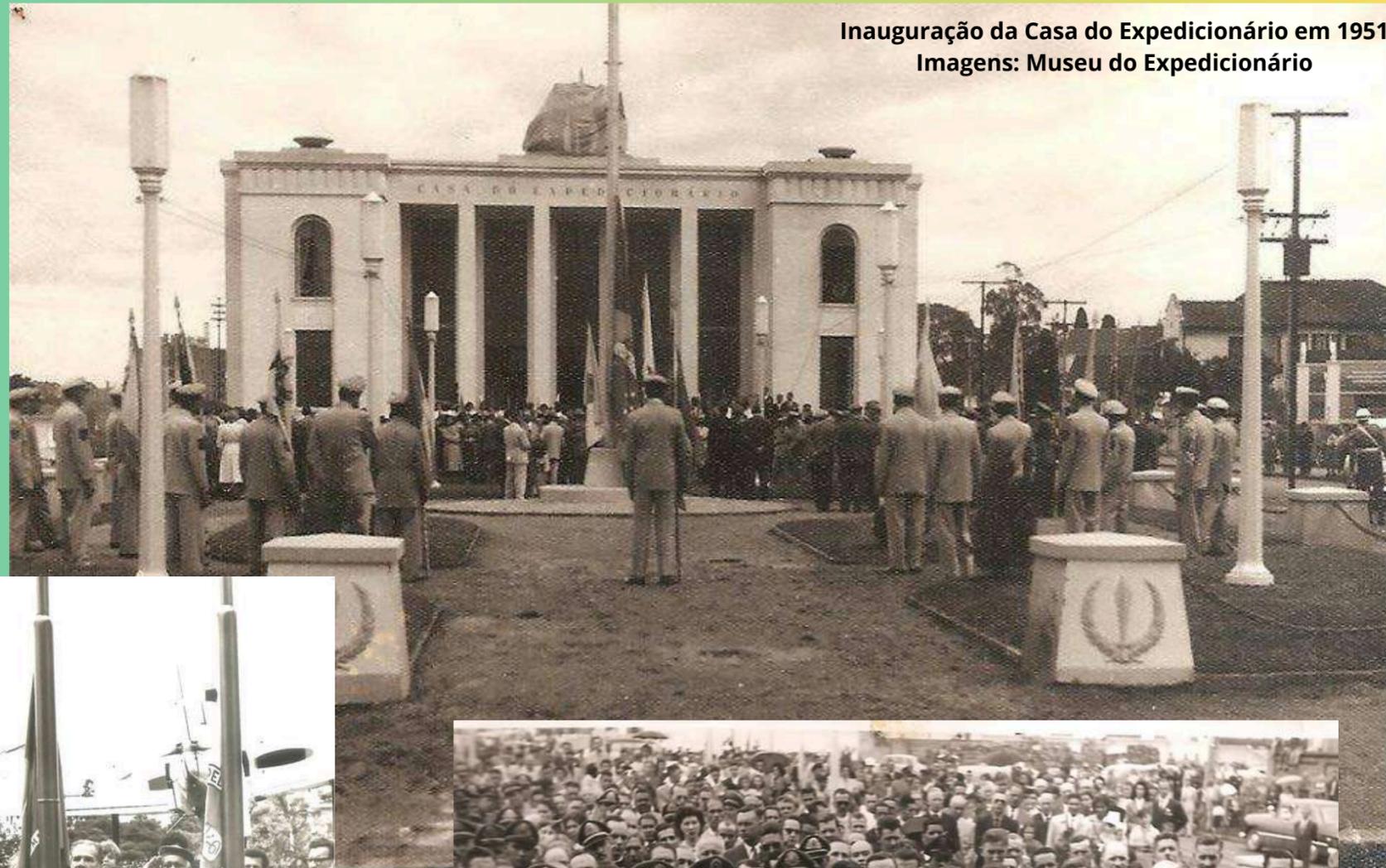
Dentre os direitos estavam o aproveitamento no serviço público sem a necessidade de concurso e a prioridade na aquisição da casa própria. A Constituição Federal de 1988 também estabeleceu que os veteranos passariam a receber uma pensão equivalente ao soldo de um segundo-tenente. A [Lei nº 8.059/1990](#) regulamentou a pensão especial aos ex-combatentes.

A Legião Paranaense do Expedicionário

Em Curitiba, um grupo de civis e militares, preocupado com a situação de desamparo dos expedicionários e de seus familiares, começou a se reunir para planejar e viabilizar projetos de assistência. Em **20 de novembro de 1946**, fundaram então a Legião Paranaense do Expedicionário (LPE).

Em 1951, graças ao trabalho de vários expedicionários e ao apoio de colaboradores, a LPE inaugurou a **Casa do Expedicionário** (atual Museu do Expedicionário), que passou então a ser sua sede. Aos poucos, foram sendo organizados os trabalhos assistenciais na nova sede, que passou a acolher expedicionários de várias regiões do Paraná e também alguns de outros Estados.

Em 1978, após mais de 30 anos do término da Segunda Guerra, a LPE encerrou seus trabalhos assistenciais e se voltou para o trabalho memorial. Assim, em **19 de dezembro de 1980**, foi inaugurado o **Museu do Expedicionário**, a partir de um convênio com o Governo do Paraná.



Segundo o professor Dennison de Oliveira, professor aposentado de história na UFPR, pesquisador do tema e autor do artigo [Reintegração social do ex-combatente no Brasil: o caso da Secretaria de Assistência da Legião Paranaense do Expedicionário – SA/LPE \(1946-1960\)](#), “quase todo espaço era ocupado por serviços sociais que oferecia aos veteranos de guerra, como atendimento médico, dentário, jurídico, administrativo, cultural, educativo, profissional etc. Nada menos de dez cômodos no andar superior do edifício foram reservados para hospedar os ex-combatentes de outras cidades em trânsito pela capital, geralmente em busca de atendimento médico”.

O professor pesquisou 1.519 fichas de atendimento da SA/LPE realizados no período 1946-1960. O pedido mais recorrente dos ex-combatentes era de auxílio financeiro. Em 288 casos (18,95%) foi pedido dinheiro uma ou mais vezes. Alguns veteranos de guerra demandaram auxílios desse tipo por vários anos à SA/LPE.

Depois do auxílio financeiro, o segundo tipo de pedido de ajuda mais frequentemente feito à SA/LPE foi o de indicação para obter emprego. Foram 193 casos (12,70%) de veteranos de guerra pedindo alguma colocação, tanto em empresas privadas quanto no serviço público. Em terceiro lugar aparece o pedido de Atendimento Médico.



A Casa do Expedicionário na década de 1960, quando ainda tinha como função principal a assistência aos ex-combatentes.

Fonte: Acervo Curitiba Histórica / Acervo de Luis Venske Dyminski / Acervo Casa da Memória de Curitiba / Site Museu do Expedicionário

“Até onde se pode perceber, a entidade atuou de formas tão diversas e tão relevantes como banco ou financeira, órgão assistencial, de atendimento médico e odontológico, agência de viagens, tribunal de pequenas causas, incubadora de negócios e empresas, operadora de plano de saúde e de seguridade social, hotel, restaurante, barbearia, tabelionato, agência funerária, central de empregos, escritório de advocacia, dentre tantas outras. Mais do que tudo, porém, a entidade era um local onde o ex-combatente podia ser acolhido e entendido por indivíduos que partilhavam do mesmo destino: ter sido enviado pelo governo de seu país para travar uma guerra no estrangeiro e ter se defrontado com outra guerra quando do seu retorno ao Brasil – aquela pela reintegração à sociedade nacional.”

Professor Dennison de Oliveira

Os servidores pioneiros da JFPR e os que lutaram na 2ª Guerra Mundial!

Após a recriação da Justiça Federal, em 1965, pelo [AI-2](#), uma vez que havia sido extinta em 1937 pelo Estado Novo (a ditadura Vargas), foram criadas duas Varas Federais, com sede na Capital, e nomeados quatro Juízes Federais para o recomeço da Instituição.

A [Lei nº 5.010, de 1966](#), organizou a Justiça Federal.

E o [Decreto-Lei nº 253, de 1967](#) estabeleceu os quadros de pessoal (veja ao lado).

Dentre os **41 nomeados, 23 eram do extinto quadro da FEB** e participaram da Guerra!



A Sede da JFPR entre 1967 e 1983, na Rua XV de Novembro, 608 Acervo JFPR

Leitura complementar

Para entender melhor a recriação da Justiça Federal no Paraná acesse: [Momento Memória - A segunda fase da Justiça Federal e sua História no Paraná...um novo começo!](#)

Art. 36. Os quadros de Pessoal dos serviços auxiliares da Justiça Federal compor-se-ão dos seguintes cargos:

- I - Chefe de Secretaria;
- II - Oficial Judiciário;
- III - Distribuidor;
- IV - Contador;
- V - Distribuidor-Contador;
- VI - Depositário-avaliador-Leiloeiro;
- VII - Auxiliar Judiciário;
- VIII - Oficial de Justiça;
- IX - Porteiro;
- X - Auxiliar de Portaria;
- XI - Servente.

§ 1º Os cargos enumerados neste artigo são isolados e de provimento efetivo, e serão providos mediante concurso público de provas, organizado pelo Conselho da Justiça Federal.

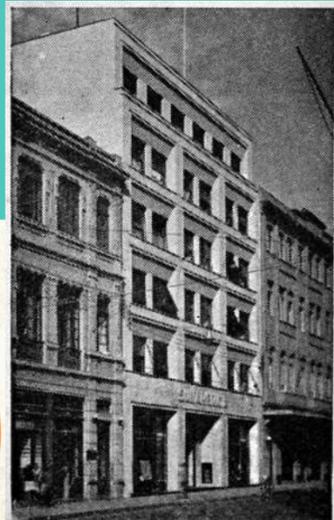
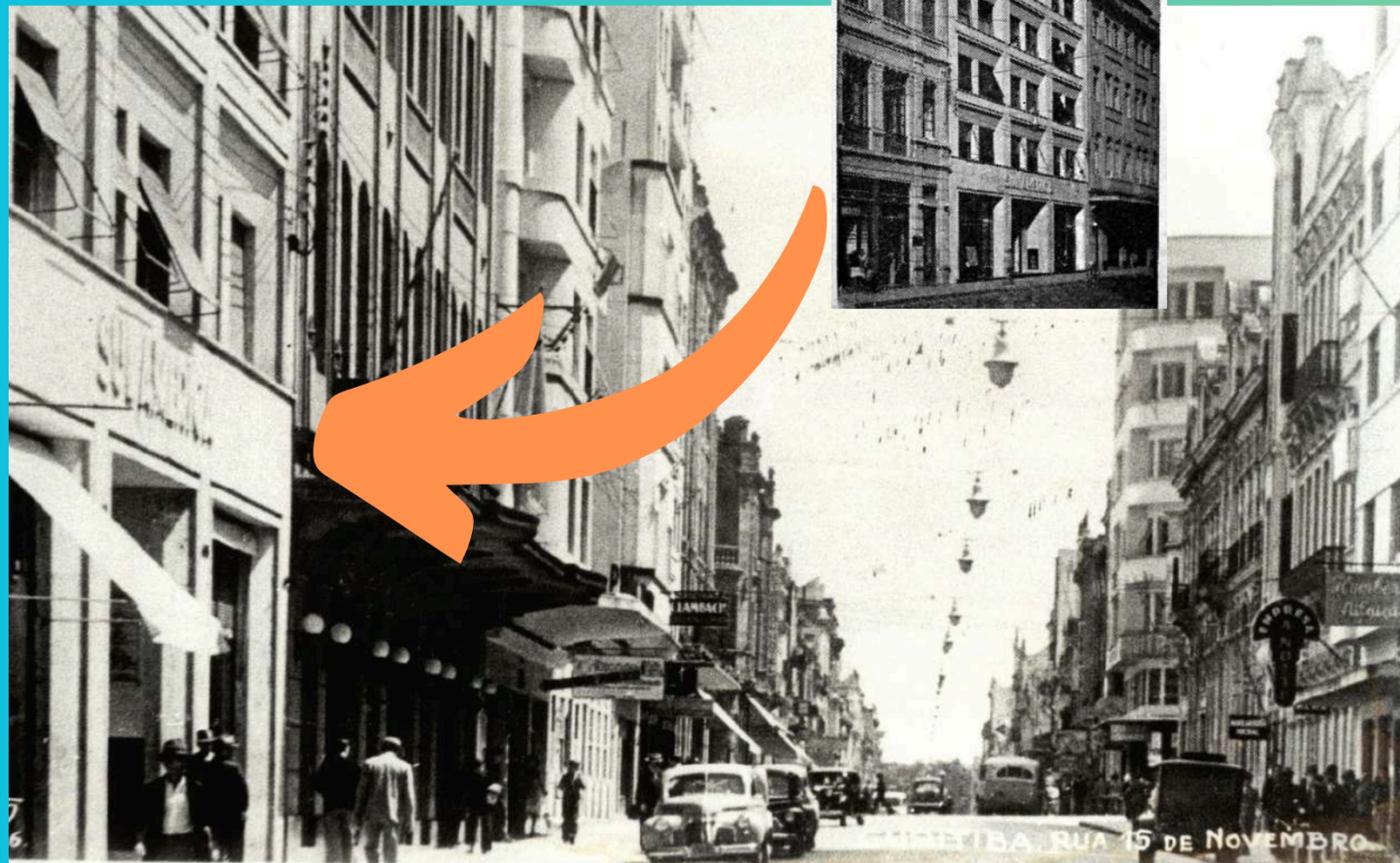
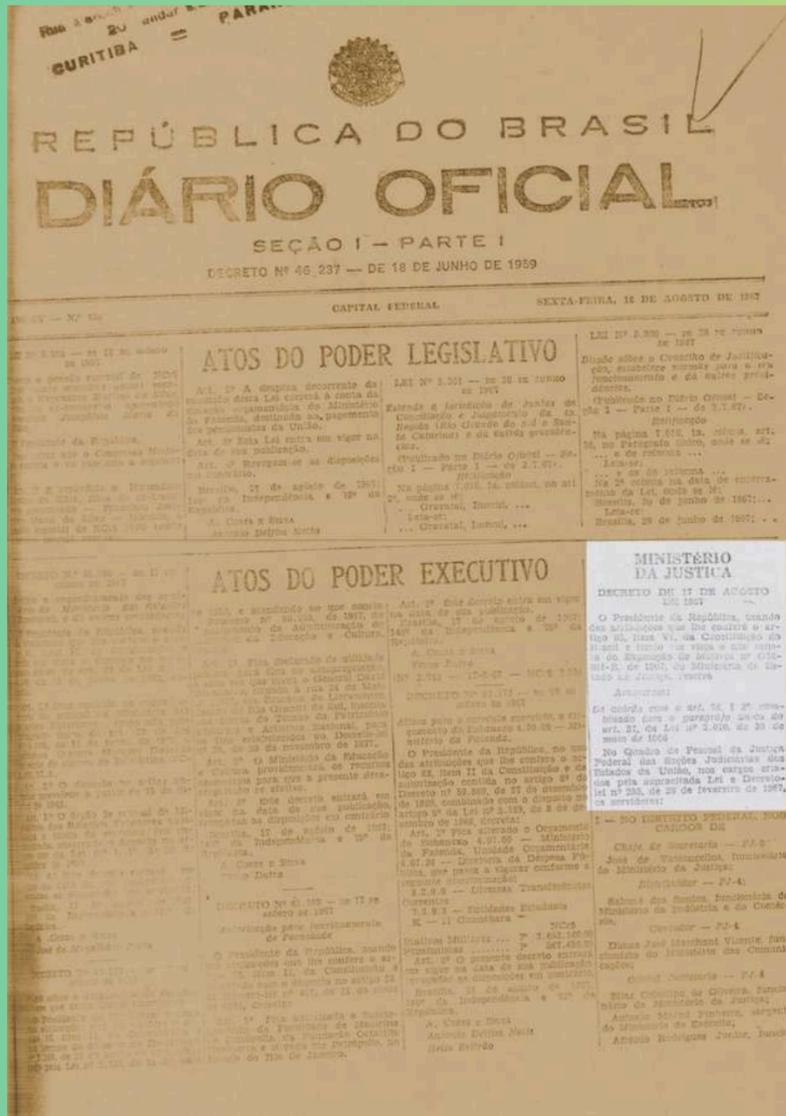
§ 2º Os cargos de Distribuidor e de Contador constarão, apenas, da lotação das Secretarias das Sessões Judiciárias onde houver mais de uma Vara e nessas Seções, poderá ser criada Secretaria destinada aos serviços administrativos do Diretor do Fôro, junto à qual funcionará o Distribuidor, além dos servidores necessários à execução de seus encargos.

§ 3º O regulamento do concurso conterà a relação dos documentos exigidos para a inscrição, a discriminação das matérias e dos pontos para as provas, e será organizado pelo Conselho da Justiça Federal.

§ 4º O concurso realizar-se-á na Seção Judiciária em que ocorrer a vaga, nos termos do edital publicado, com a antecedência mínima de trinta dias, no "Boletim da Justiça Federal" do "Diário Oficial" dos Estados ou Territórios que compõem a respectiva região, e no "Diário da Justiça", e, sòmente neste no Distrito Federal.

§ 5º São requisitos para o provimento do cargo de Chefe de Secretaria ser Bacharel em Direito e ter menos de quarenta e cinco anos de idade.

Ao lado, o ato de nomeação dos primeiros servidores da JFPR em sua reinstalação e a primeira Sede ocupada, na Rua XV de Novembro, 608 (cujo prédio era conhecido como "Edifício Sulamérica")



Veja, abaixo, os primeiros servidores da JFPR após sua reinstalação, nomeados por três decretos do então Presidente da República Artur da Costa e Silva. Também consta o órgão de origem de cada um.

Na página seguinte estão os ex-combatentes da FEB

Antônio Kovaleski

(Correios)

Arnaldo Fecci

(3ª Vara da Fazenda Pública Estadual)

Aroldo de Andrade

(Caixa Econômica Federal)

Edésio de Gouvêa Filho

(Instituto do Mate)

Enéas Prohmann

(Instituto do Mate)

Harold Collin Júnior

(Ministério da Fazenda)

Izidoro Flumignan*

(Ministério das Comunicações)

José Lúcio Niedziela

(Caixa Econômica Federal)

Leônidas Augusto Ribeiro Figueira

(Caixa Econômica Federal)

Lilian Jardim

(Instituto do Mate)

Maria Júlia Gomes de Bittencourt

(Ministério da Educação)

Milton Conversani Pimentel

(3ª Vara da Fazenda Pública Estadual)

Nilson Ramon

(2ª Vara da Fazenda Pública Estadual)

Olga Dias Rodrigues

(INSS)

Reinaldo Alves Vianna

(2ª Vara da Fazenda Pública Estadual)

Sérgio Augusto da Costa Biscaia

(Ministério das Comunicações)

Silvio Natal Ribas

(Ministério das Comunicações)

Waldir Jordan

(Ministério da Educação)

*Ingressou por concurso na carreira do Ministério Público do Paraná em junho de 1968.



ANTONIO KOVALESKI
● 22/04/1968 | ◆ 09/08/1976



ARNALDO FECCI
● 03/10/1967 | ◆ 06/07/1983



AROLDO DE ANDRADE
● 15/09/1967 | ◆ 14/06/1976



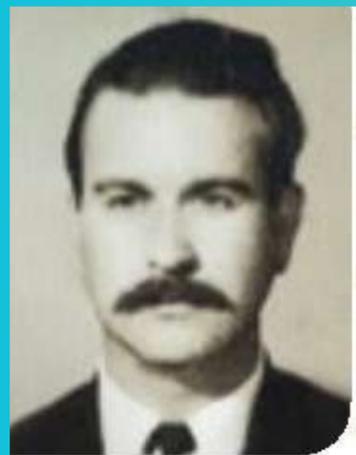
EDESIO DE GOUVEA FILHO
● 01/09/1967 | ◆ 16/03/1978



ENEAS PROHMANN
● 01/09/1967 | ◆ 21/01/1987



HAROLD COLLIN JUNIOR
● 02/10/1967 | ◆ 07/12/1990



JOSÉ LUCIO NIEDZIELA
● 02/10/1967 | ◆ 03/12/1987



LEONIDAS AUGUSTO RIBEIRO FIGUEIRA
● 02/10/1967 | ◆ 31/10/1973



LILIAN JARDIM
● 01/09/1967 | ◆ 23/12/1983



MARIA JULIA GOMES DE BITTENCOURT
● 13/10/1967 | ◆ 11/12/1978



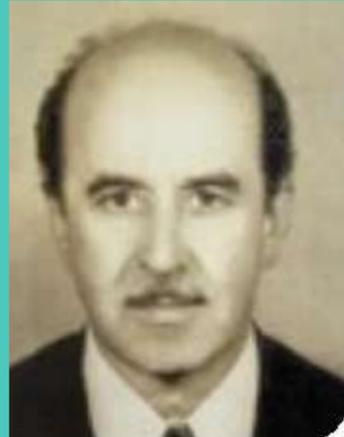
MILTON CONVERSANI PIMENTEL
● 13/09/1967 | ◆ 13/05/1986



NILSON RAMON
● 13/09/1967 | ◆ 13/06/1984



OLGA DIAS RODRIGUES
● 01/12/1967 | ◆ 22/06/1988



REINALDO ALVES VIANNA
● 13/09/1967 | ◆ 05/07/1982



SERGIO AUGUSTO DA COSTA BISCAIA
● 12/09/1967 | ◆ 29/07/1986



SILVIO NATAL RIBAS
● 23/05/1968 | ◆ 02/09/1994



WALDIR JORDAN
● 15/09/1967 | ◆ 17/08/1990

Servidores que foram combatentes da FEB

Alfonso Dubiella*

Ambrósio Cilka

(com anotação de ferimento em combate)

Antônio Wolpe

Augusto Canha

Ayrton Gomes Junqueira

Deolindo de Souza

Edgard Costa

Emanuel Marques

Florys de Paula Schleder

João Drabik

João Nunes

(condecorado por bravura)

José Gregório Mazarotto

(com anotação de ferimento em combate)

Leonércio Soares

(condecorado por bravura)

Luiz Franck

Manoel Meirelles Júnior

Mauro Azevedo da Silveira

Mieceslau Tychanowicz

Newton Eduardo Klüppel

Oswaldo Pires

Pedro Antônio Jordan

Pedro Stella

Urbano Stival

Valdomiro Miguel Fade

*Não se aposentou na JFPR; assumiu cargo no exército posteriormente

Servidores pioneiros oriundos da FEB e período de trabalho na JFPR



**AMBROSIO
CILKA**
● 09/10/1967 | ◆ 23/06/1980



**ANTONIO
WOLPE**
● 02/10/1967 | ◆ 12/11/1984



**AUGUSTO
CANHA**
● 15/09/1967 | ◆ 08/07/1976



**AYRTON
GOMES JUNQUEIRA**
● 02/10/1967 | ◆ 11/03/1980



**DEOLINDO
DE SOUZA**
● 02/10/1967 | ◆ 03/09/1975



**EDGARD
COSTA**
● 02/10/1967 | ◆ 01/03/1984



**EMANUEL
MARQUES**
● 02/10/1967 | ◆ 03/11/1976



**FLORYS
DE PAULA SCHLEDER**
● 29/09/1967 | ◆ 20/11/1985



**JOÃO
DRABIK**
● 02/10/1967 | ◆ 21/06/1989



**JOÃO
NUNES**
● 02/10/1967 | ◆ 10/11/1971



**JOSÉ GREGORIO
MAZAROTTO**
● 02/10/1967 | ◆ 22/11/1978



**LEONERCIO
SOARES**
● 01/09/1967 | ◆ 10/07/1969



**LUIZ
FRANCK**
● 02/10/1967 | ◆ 07/10/1975



**MANOEL
MEIRELLES JUNIOR**
● 15/09/1967 | ◆ 16/04/1975



**MAURO
AZEVEDO DA SILVEIRA**
● 02/10/1967 | ◆ 07/10/1975



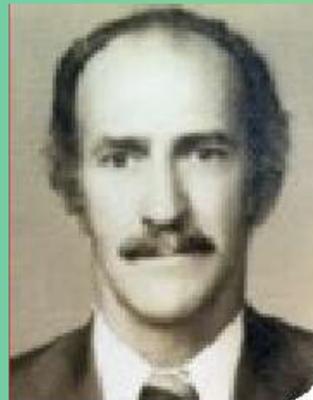
**MIECESLAU
TYCHANOWICZ**
● 02/10/1967 | ◆ 03/10/1984



**NEWTON EDUARDO
KLUPPEL**
● 15/09/1967 | ◆ 30/03/1970



**OSWALDO
PIRES**
● 02/10/1967 | ◆ 13/03/1985



**PEDRO ANTONIO
JORDAN**
● 02/10/1967 | ◆ 13/06/1984



**PEDRO
STELLA**
● 02/10/1967 | ◆ 22/09/1983



**URBANO
STIVAL**
● 02/10/1967 | ◆ 06/07/1976



**VALDOMIRO MIGUEL
FADE**
● 02/10/1967 | ◆ 13/02/1970



Registros da memória...

Infelizmente todos os servidores ex-expedicionários da JFPR já faleceram, restando-nos reconstituir suas histórias pelos depoimentos de familiares e colegas da Justiça Federal, que nos contam as memórias da guerra deles ouvidas.

O contato com os familiares também acaba sendo dificultado, pois muitos deles já não têm pensionistas com vínculos na Instituição, não havendo mais cadastro de telefones, emails ou endereços atualizados.

Porém, o Núcleo de Memória Institucional e a Divisão de Gestão Funcional conseguiram contactar as famílias de seis ex-combatentes, que nos trouxeram verdadeiras relíquias de seus heróis e nos contaram fatos a eles relacionados!

Dois servidores aposentados da JFPR, nomeados na mesma época dos ex-pracinhas, e que com eles tiveram estreita convivência, gravaram depoimentos contando como eram aqueles tempos de “reinstalação” da Justiça Federal em nosso Estado e as histórias ouvidas dos colegas que haviam lutado na guerra.

Para assistir a esses depoimentos, clique nas imagens ao lado.

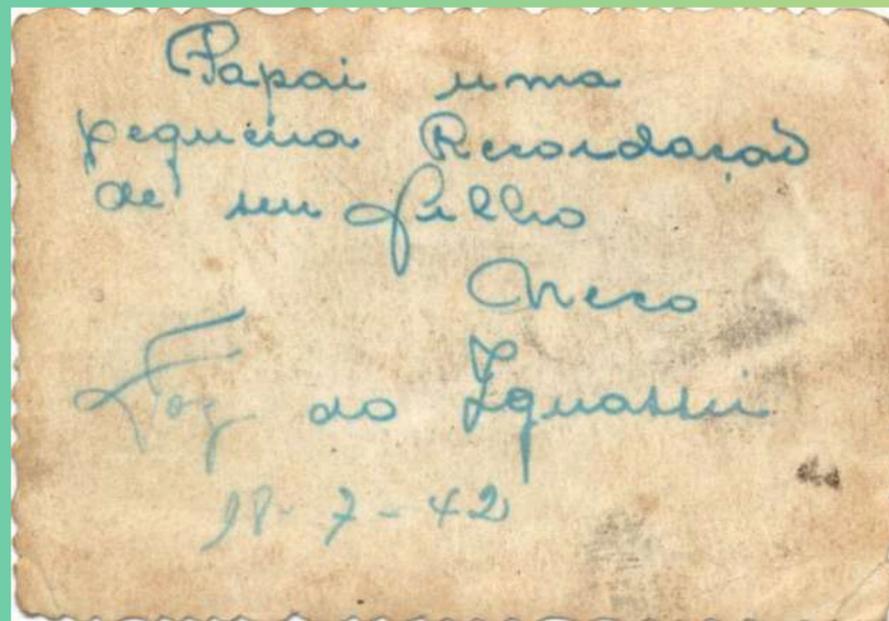
E nas páginas seguintes, veja algumas fotos, documentos e objetos de nossos heróis da 2ª Guerra, trazidos pelas famílias para esta exposição!



Emanuel Marques



1



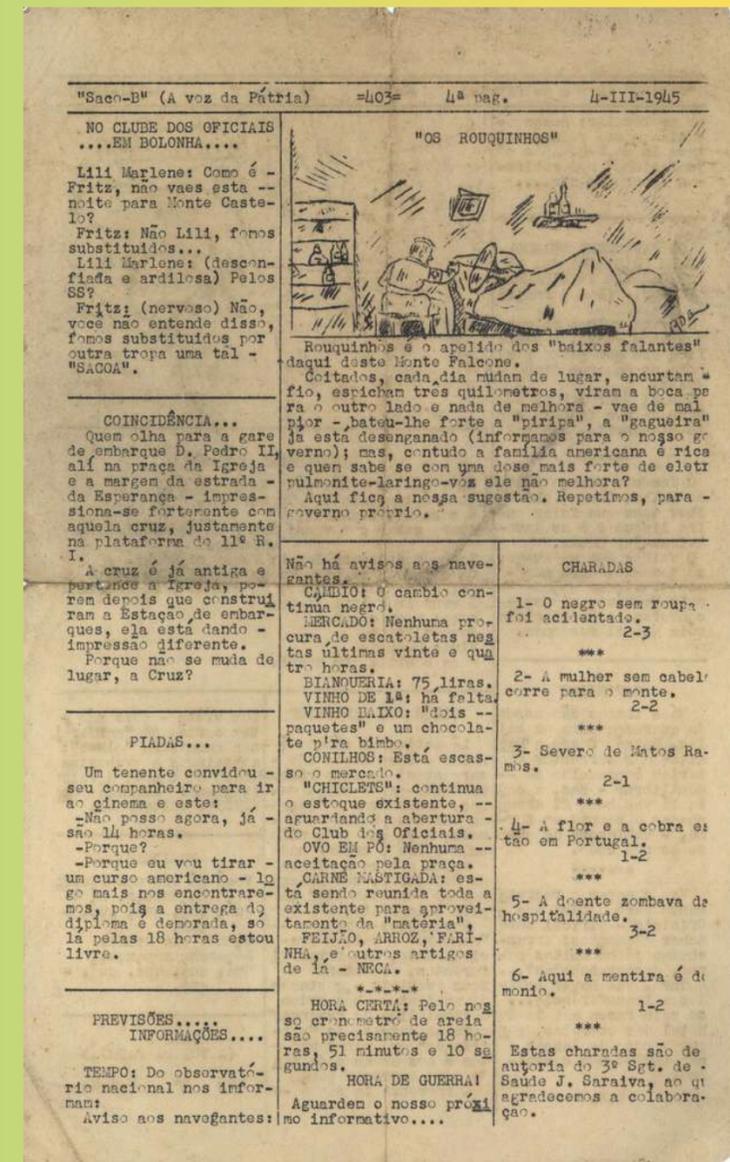
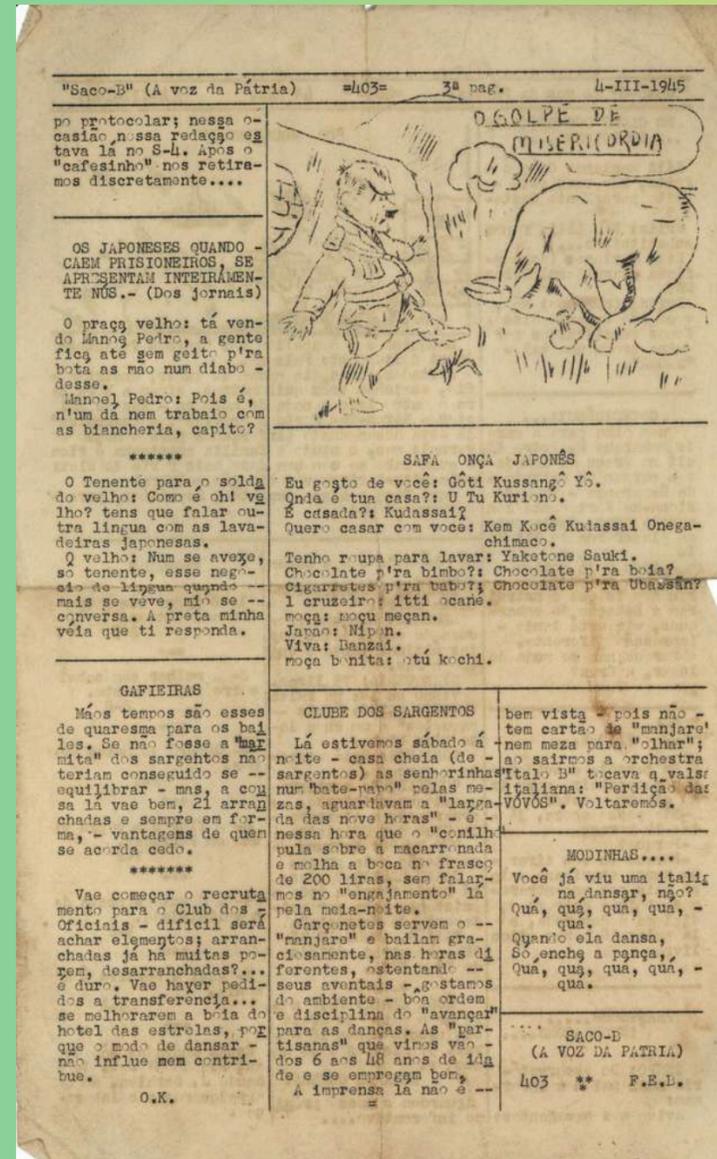
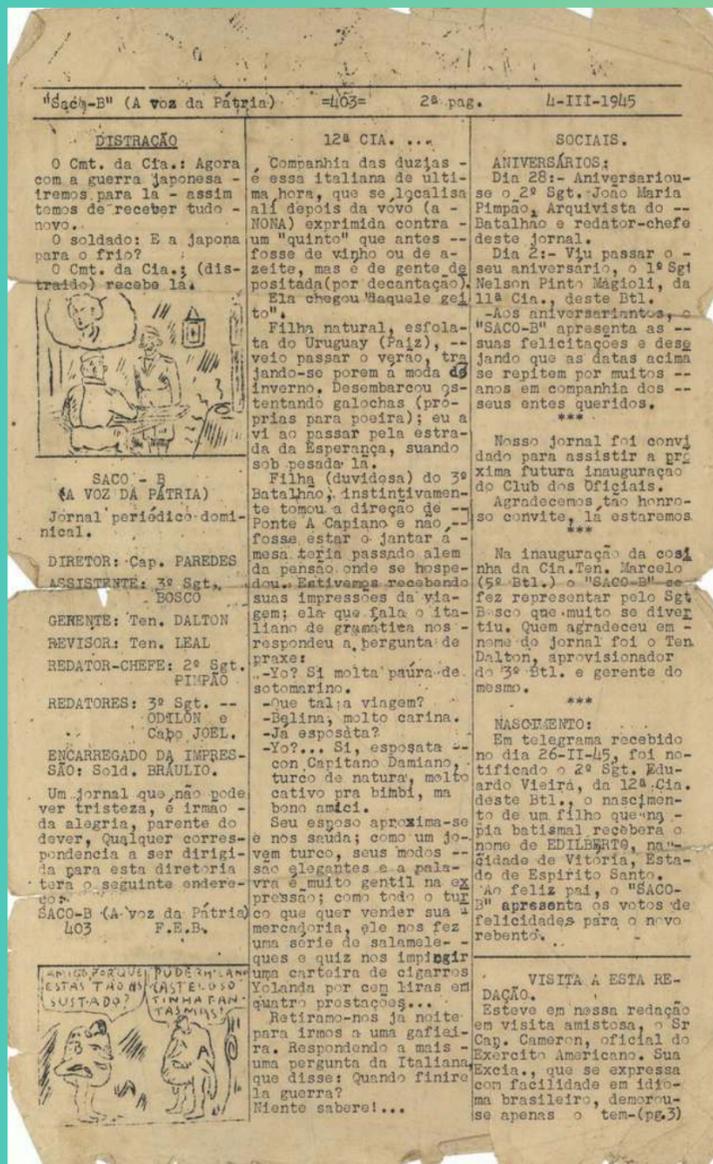
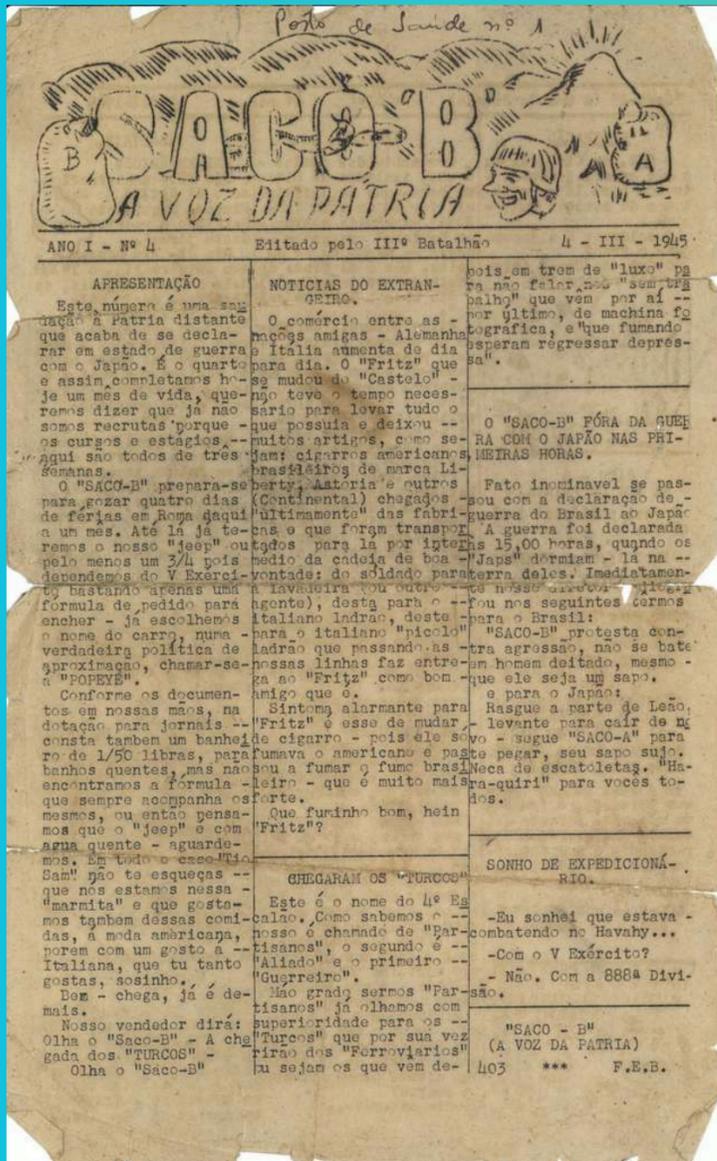
2



3

1. Treinamento em Foz do Iguaçu, 1942; verso da foto com dedicatória ao pai, em que assina com o apelido de família, "Neco" (Emanuel é o da esquerda).
2. Momentos com os colegas, já na Itália.
3. Insígnias do uniforme

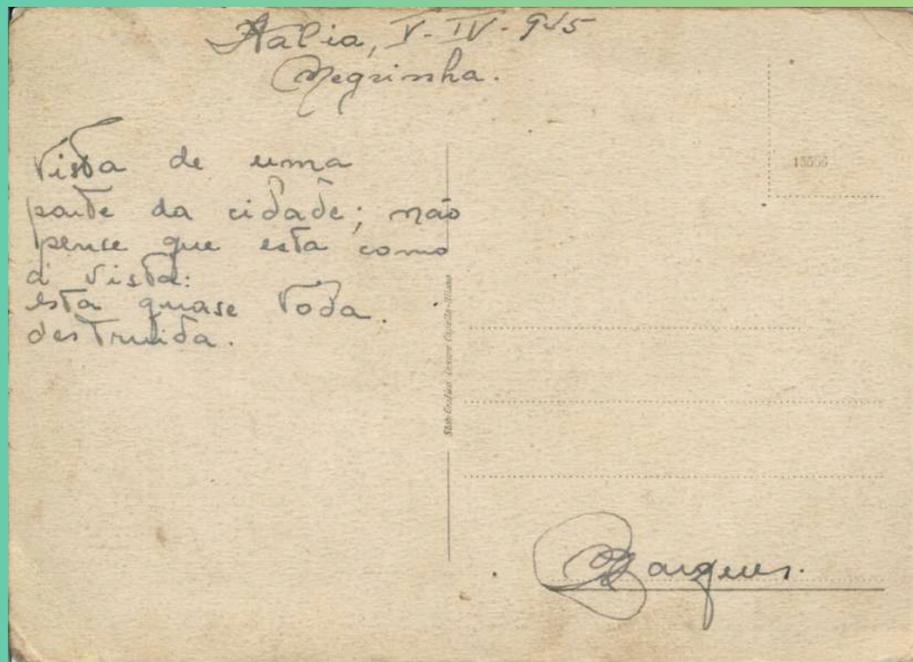




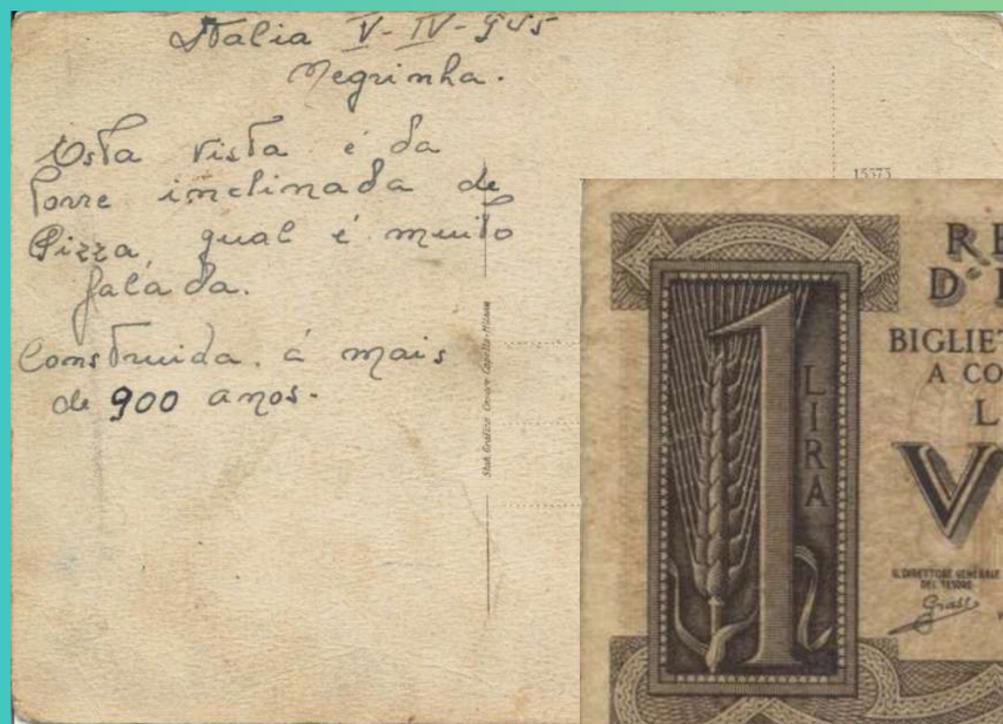
O Jornal "Saco B, A Voz da Pátria - nº 4 - março de 1945", editado pelo 3º Batalhão. Em plena guerra, tempo para a atualização das notícias e até para tirinhas de humor; detalhe para a charge da pág. 3, em que Hitler recebe o "golpe de misericórdia".



Pisa - Ponte di mezzo con veduta dei Lungarni.



Pisa - Il Campanile



Após a guerra, os “souvenirs” trazidos da Itália; no primeiro postal, o texto melancólico dirigido à noiva Maria do Carmo, a quem chamava carinhosamente de “Negrinha”: “Vista de uma parte da cidade; não pense que está como a vista: está quase toda destruída”.

O CRUZEIRO DO SUL

N.º 31 — Ano I. Publicação do SERVIÇO ESPECIAL de R. B. 1.ª Edição — Quinta-feira, 31 de Maio de 1945

ORDEM DO DIA ESPECIAL SOLDADOS, MARINHEIROS E AVIA- DORES DAS FORÇAS ALIADAS NO TEATRO DE OPERAÇÕES DO ME- DITERRANEO.

Depois de mais de duas semanas de uma luta continua e dura, que começou na Sicília no verão de 1943, eis-nos hoje como vencedores da campanha da Itália. Conquistamos uma vitória que terminou com a completa desorganização das forças armadas alemãs no Mediterrâneo. Longando a Itália do último agressor nazista, libertamos uma parte de mais de cinquenta milhões de habitantes. Hoje, os alemães estão em um orgânico Exército — cerca de um milhão de homens completamente armados e equipados — a caminho de se renderem, depois de uma luta que durou mais de dois anos. Poderão eles reagrupar-se para combater novamente? Não, não poderão. A Itália não tem mais recursos humanos e materiais para isso. A Alemanha não tem mais recursos humanos e materiais para isso. A Alemanha não tem mais recursos humanos e materiais para isso.

A vitória das Nações Unidas, aqui como na Alemanha, foi um símbolo de cooperação e confraternização de armas. Dezenas de povos se uniram contra um inimigo, não somente em sua própria defesa, mas também contra um inimigo comum. A vitória trará com si mudanças fundamentais da ordem mundial, tal como a que conhecemos hoje. A vitória trará com si mudanças fundamentais da ordem mundial, tal como a que conhecemos hoje.



ELES NOS CONDU- ZIRAM À VITÓRIA

Força global e definitiva, pela qual se chegou ao termo desta guerra, conquistada e completada, o exército das armas que se empenharam na Itália. Entre elas esteve a Força Expedicionária Brasileira, esta honrosa que, orgulhosa de uma nação pacífica, viu-nos vingar no estrangeiro.



CESSAÇÃO DAS HOSTILIDADES NA ITALIA

O cessar-fogo na Itália, em que, como todos sabem, se deu o fim da guerra, é um acontecimento de importância mundial. A guerra na Itália, que durou mais de dois anos, terminou com a completa desorganização das forças armadas alemãs no Mediterrâneo. Longando a Itália do último agressor nazista, libertamos uma parte de mais de cinquenta milhões de habitantes. Hoje, os alemães estão em um orgânico Exército — cerca de um milhão de homens completamente armados e equipados — a caminho de se renderem, depois de uma luta que durou mais de dois anos.

MISSA PELOS MORTOS DA FEB.

Celebrada no dia 27 de Maio, na Catedral de Alessandria, a missa pelos mortos da FEB. O padre da Catedral de Alessandria, padre de Gregório de Almeida, realizou a missa pelos mortos da FEB. O padre da Catedral de Alessandria, padre de Gregório de Almeida, realizou a missa pelos mortos da FEB.



Padre Gregório de Almeida, padre da Catedral de Alessandria, realizou a missa pelos mortos da FEB.

Cartas do Brasil

Cartas do Brasil. A volta dos soldados brasileiros para o Brasil. A volta dos soldados brasileiros para o Brasil. A volta dos soldados brasileiros para o Brasil.

UMA NOVA ERA DE PAZ

Uma nova era de paz. O fim da guerra e o início de uma nova era de paz. O fim da guerra e o início de uma nova era de paz. O fim da guerra e o início de uma nova era de paz.

ALMOÇO DA VITÓRIA

Almoço da vitória. O almoço comemorativo em homenagem à vitória. O almoço comemorativo em homenagem à vitória. O almoço comemorativo em homenagem à vitória.

ESTA É A NOSSA VITÓRIA

Esta é a nossa vitória. A vitória das Nações Unidas. A vitória das Nações Unidas. A vitória das Nações Unidas.

A RENDIÇÃO DA 148ª DIVISÃO DE INFANTARIA ALEMÃ

A rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã. A rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã. A rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã.

A MULHER BRASILEIRA

A mulher brasileira. A mulher brasileira. A mulher brasileira.

ESTADOS UNIDOS

Estados Unidos. Notícias dos Estados Unidos. Notícias dos Estados Unidos. Notícias dos Estados Unidos.

BRASIL

Brasil. Notícias do Brasil. Notícias do Brasil. Notícias do Brasil.

Edição do Jornal "O Cruzeiro do Sul", de 31 de maio de 1945, que noticia o fim da guerra e a volta dos combatentes ao Brasil; na 2ª página, destaque para a missa celebrada na Catedral de Alessandria, na Itália, em memória aos mortos da FEB, que não retornariam à Pátria.



Em geral, o fim da guerra e a libertação da Itália. O general Gisele Waldemar de Moraes e Silva, comandante da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, rendendo-se às forças aliadas. O general Waldemar de Moraes e Silva, comandante da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, rendendo-se às forças aliadas.



Acima os diplomas de mérito recebidos e, ao lado, o "Térmo de Promessa e Posse" no cargo de Auxiliar Judiciário, em **18 de setembro de 1967**, e a Portaria que o designou para a função de Oficial Judiciário, em **21 de maio de 1971**, no lugar do colega Newton Eduardo Klüppel, também ex-expedicionário, que se aposentava.

JUSTIÇA FEDERAL
SEÇÃO JUDICIÁRIA DO PARANÁ

Térmo de Promessa e Posse do Auxiliar Judiciário Emanuel Marques.

Aos dezoito dias do mês de setembro de um mil novecentos e sessenta e sete, compareceu perante o Doutor Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, Juiz da Primeira Vara da Justiça Federal de Primeira Instância do Paraná, o servidor Emanuel Marques, a proveitado como Auxiliar Judiciário PJ-7, por Decreto de dezoite de agosto de um mil novecentos e sessenta e sete, do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, conforme ato publicado no "Diário Oficial" da União, de dezoito do mesmo mês e ano, sendo na oportunidade lhe dada a posse legal, de acôrdo com Resolução e Provimento do Egrégio Conselho da Justiça Federal. O empossado, servidor Emanuel Marques, apresentou os necessários documentos de estilo, seu Título de Eleitor e Certificado de Reservista, tendo prometido bem cumprir os deveres do cargo para o qual foi aproveitado. Dado e passado nesta cidade de Curitiba, sendo êste têrmo lavrado pelo Chefe de Secretaria PJ-0, Bacharel Edésio de Gouvêa Filho, para que produza os seus devidos efeitos legais, indo assinado pelo Meritíssimo Juiz da Primeira Vara, pelo Chefe de Secretaria e pelo agora empossado. Em Curitiba, aos dezoito dias do mês de setembro de um mil novecentos e sessenta e sete.

Doutor Manoel de Oliveira Franco Sobrinho
Juiz Federal da Primeira Vara

Bacharel Edésio de Gouvêa Filho
Chefe de Secretaria

O empossado:
Emanuel Marques

JUSTIÇA FEDERAL
SEÇÃO JUDICIÁRIA DO PARANÁ

PORTARIA Nº 19, DE 21 DE MAIO DE 1 971.

O Doutor HERALDO VIDAL CORREIA, Juiz Federal, Diretor do Fóro no Paraná, em exercício, no uso de suas atribuições e de conformidade com o artigo 52, da Lei 5 010, de 30 de maio de 1 966, e tendo em vista o que consta no despacho de sua Excia. Senhor Ministro Presidente do Egrégio Conselho da Justiça Federal, exarado no processo nº 1 239/71-Pr., publicado no Diário da Justiça de 29 de abril de 1 971,

RESOLVE:

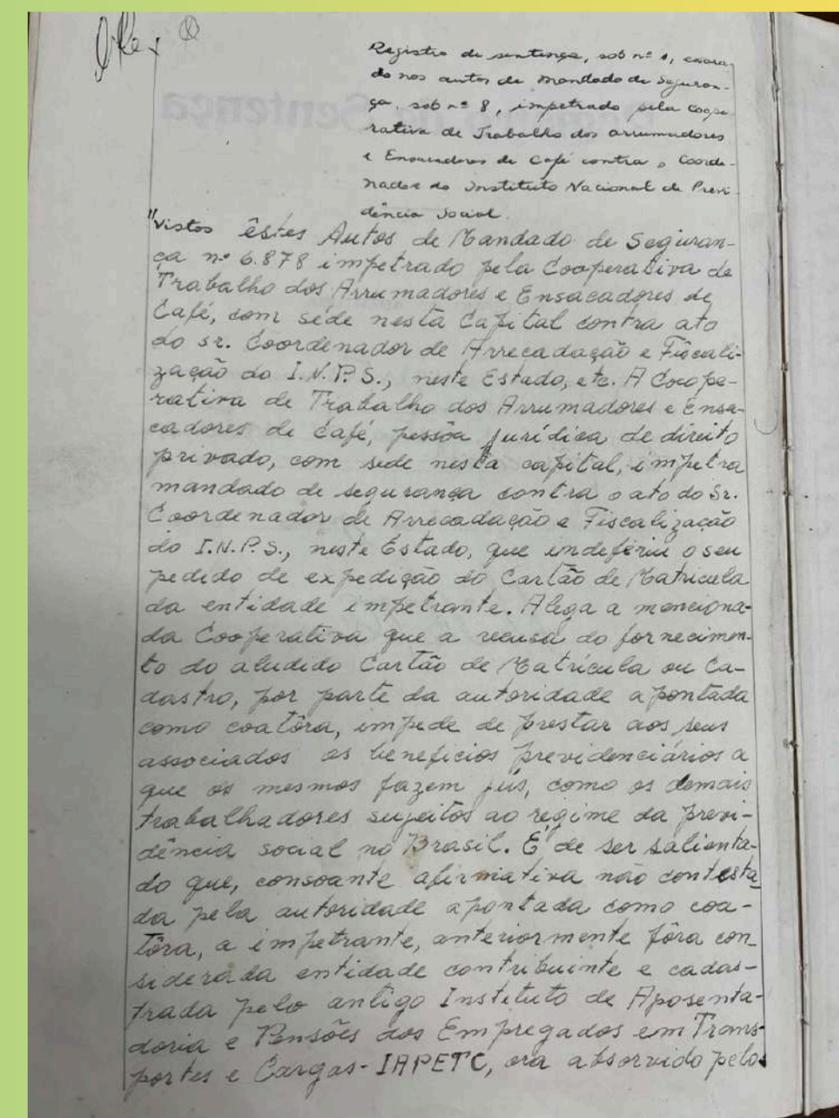
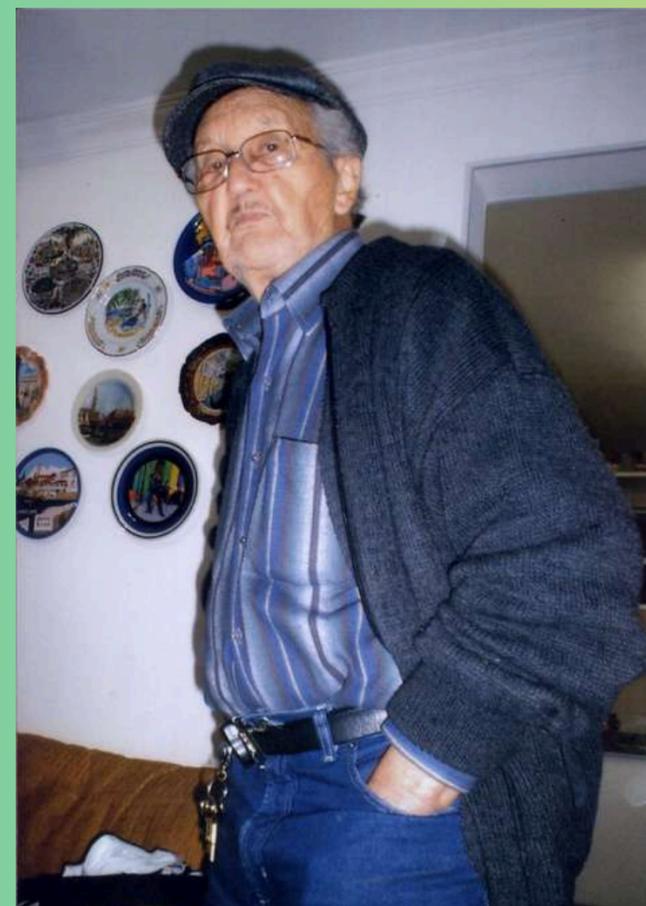
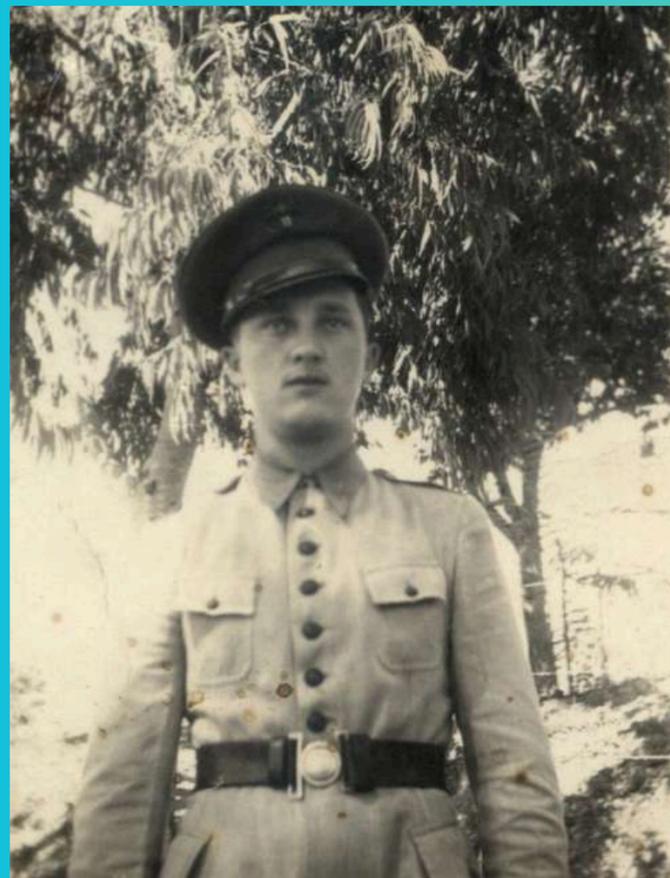
Designar o Auxiliar Judiciário, símbolo PJ-7, EMANUEL MARQUES, para como substituto exercer a função de Oficial Judiciário, símbolo PJ-4, com lotação na Secretaria da 1ª Vara desta Seção Judiciária a partir de 1º de junho de 1 971, face a aposentadoria do titular do cargo NEWTON EDUARDO KLUPPEL, publicada no Diário Oficial da União de 31 de março de 1 970, ficando assegurada ao mesmo a diferença de vencimentos na forma estabelecida no despacho supra mencionado.

HERALDO VIDAL CORREIA
Juiz Federal, Diretor do Fóro
em exercício.

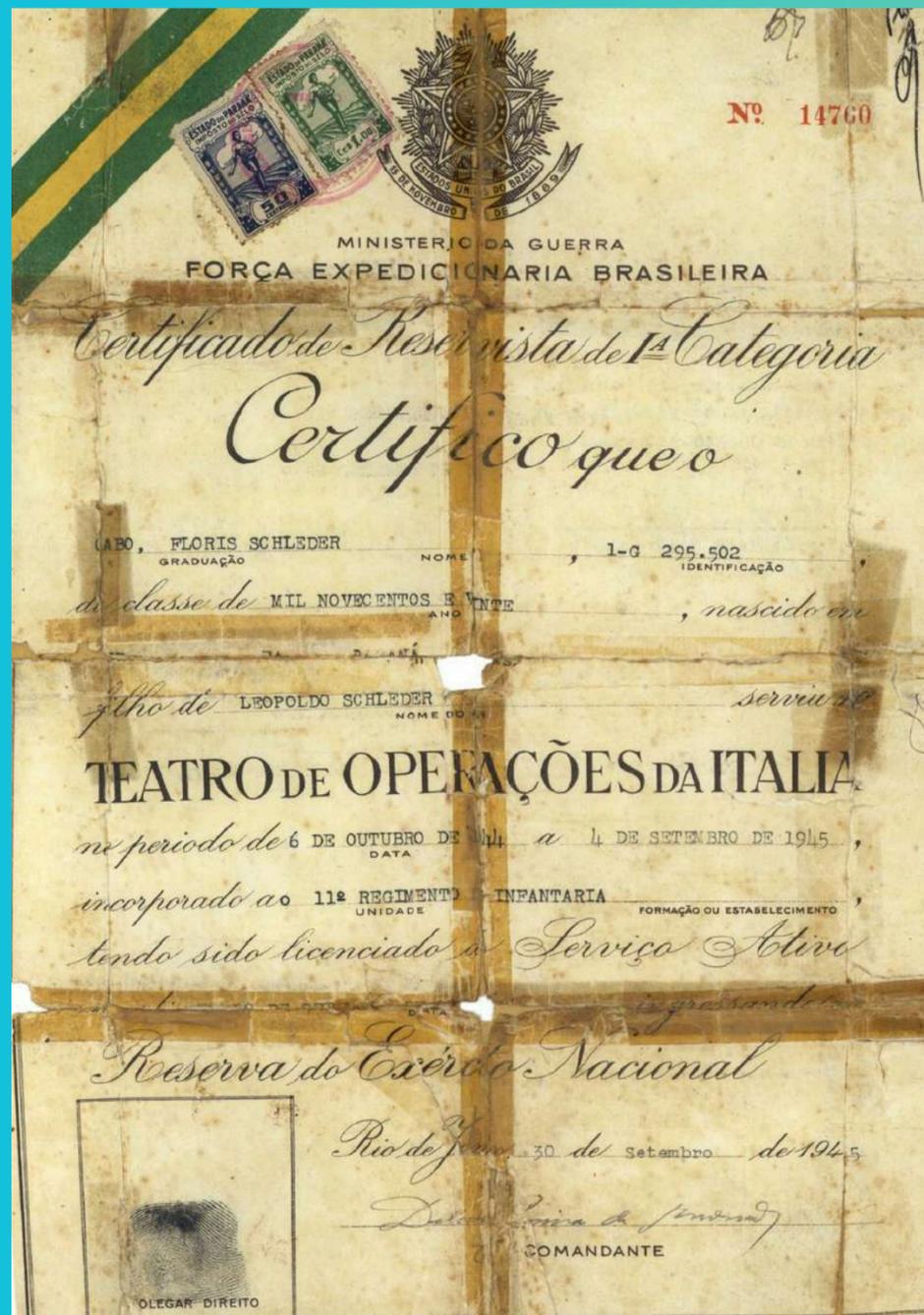
Florys de Paula Schleder

Florys atuou junto à 2ª Vara Federal, cujos juízes eram Heraldo Vidal Correia (titular) e Milton Luiz Pereira (substituto). Por suas habilidades manuais como carpinteiro, pedreiro e eletricista foi, junto com os colegas Emanuel Marques, Pedro Antonio Jordan e Valdomiro Fade, responsável pelas adaptações físicas da primeira Sede da Justiça Federal (ocupada entre 1968 e 1983) - construção de divisórias e balcões e reparo nas instalações elétricas do prédio. Conhecido como "Edifício Sulamérica", estava localizado na Rua XV de Novembro, 608, e foi dividido com a Procuradoria da República.

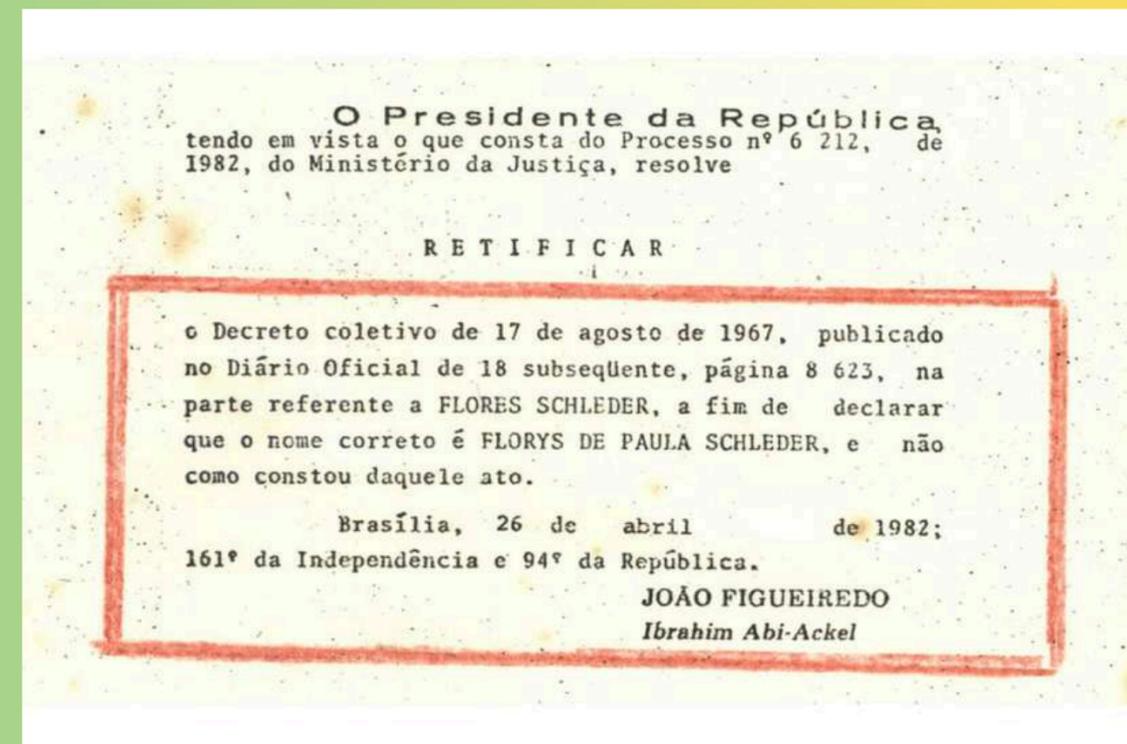
Depois destes trabalhos, Florys aprendeu todo o serviço de secretaria e notabilizou-se pela bela caligrafia, o que lhe rendeu a nobre função de transcrever as sentenças dos magistrados da Vara no "Livro de Registro de Sentenças", cujo exemplar nº 1 está exposto na Sala da Memória da JFPR!



As duas primeiras fotos são da época da FEB; Florys já aposentado e trecho do Registro de Sentença nº 1, por ele transcrito.



Por muito tempo, o servidor teve seu nome grafado incorretamente como Flores Schleder. Inclusive o ato de nomeação foi publicado com erro. O servidor conseguiu a correção em 1982.



Florys atuou na Guerra entre outubro de 1944 e setembro de 1945; na foto, já em Curitiba, depois de ter retornado do "front".



José Gregório Mazarotto



O jovem soldado Mazarotto - detalhe no símbolo da FEB ("a cobra que fuma" na manga do uniforme); o documento ("medalha") que atesta o ferimento no "Teatro de Operações de Guerra na Itália", a Medalha de Campanha, o certificado de reservista e a carteira funcional como Agente de Segurança Judiciária (1975)

Newton Eduardo Klüppel

O ex-combatente Newton Eduardo Klüppel, natural de Ponta Grossa, foi nomeado como Oficial Judiciário, hoje equivalente ao cargo de Oficial de Justiça Avaliador Federal. Quando assumiu o cargo, em 1967, já era graduado em História e Geografia e havia sido professor da rede pública e privada de ensino. Os outros oficiais nomeados junto a ele foram Leonércio Soares, Luiz Franck, Mauro Azevedo Silveira e Ubaldo Stival.

O filho do servidor, Zenewton Klüppel, guarda um acervo impressionante de fotos e objetos de seu pai da época da guerra. Inclusive uma coleção de cartas, recebidas da família no “front” da guerra. Detalhe: como o Brasil estava em plena “Ditadura Vargas”, alguns assuntos eram proibidos. “As cartas só poderiam referir assuntos triviais, ligados a notícias da família; a situação política do país não poderia ser noticiada”, conta Zenewton. Confira alguns destes registros.



1

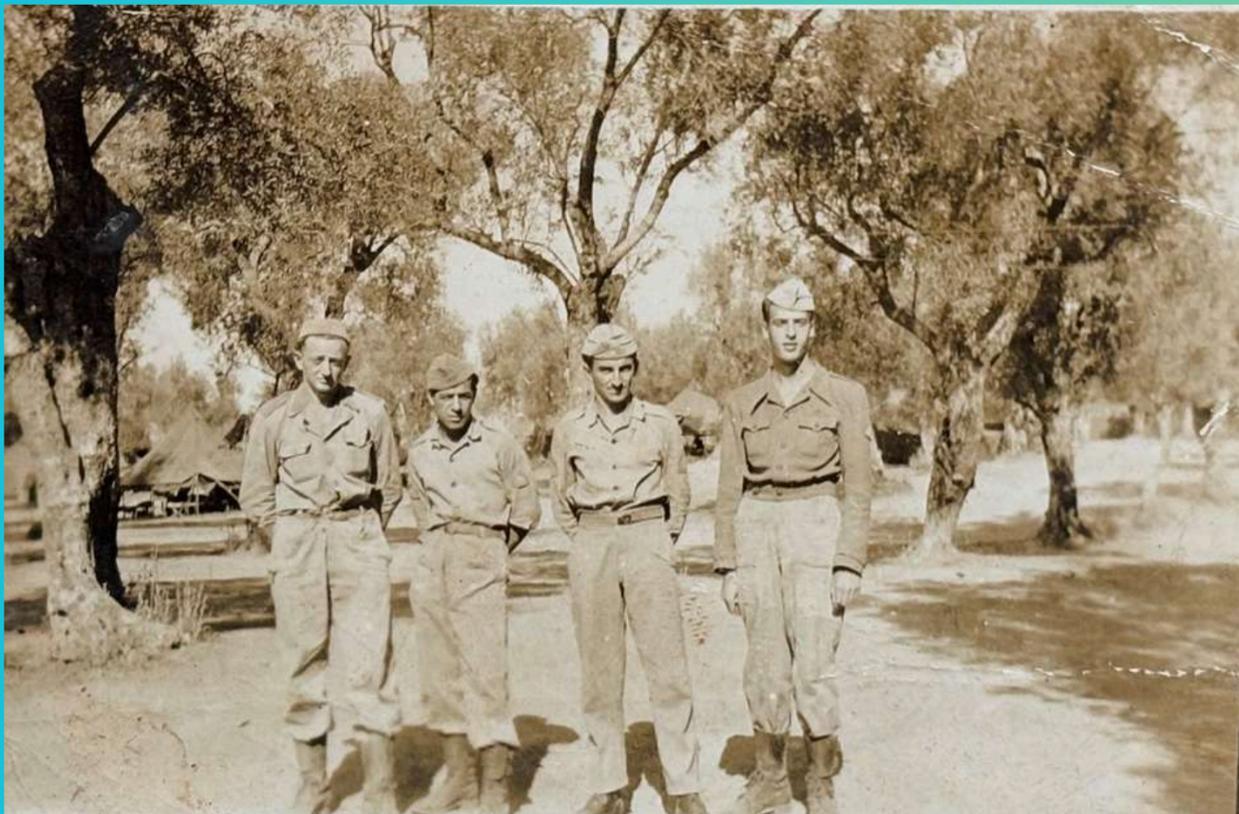


2



3

1. O jovem Newton Eduardo Klüppel em uniforme da FEB
2. Newton é o primeiro à direita
3. Newton é o segundo da direita para a esquerda



1



2

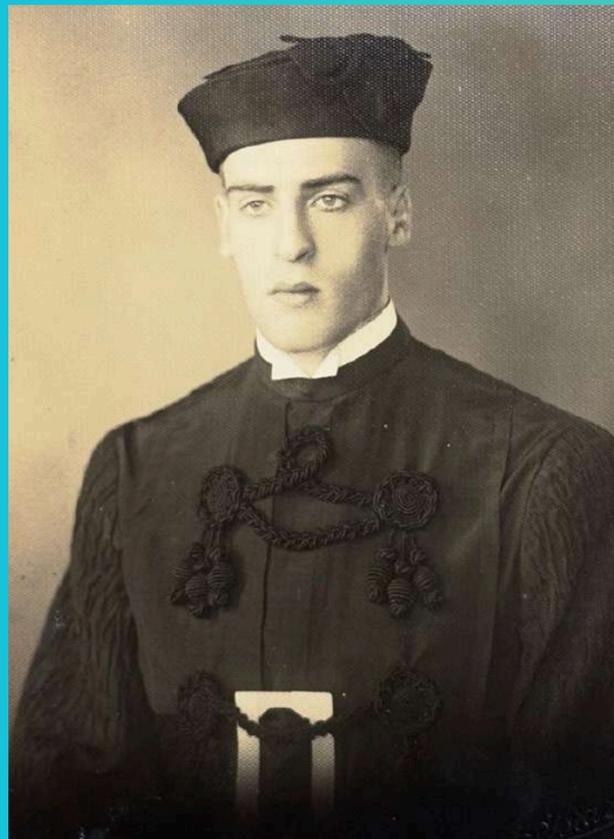


3

1. Newton é o primeiro à direita
2. O primeiro à direita na segunda fileira
3. O primeiro à esquerda, sentado
4. O segundo da esq. para a dir.



4



1

1. Na formatura, já de volta da guerra
2. O casamento com Zelândia
3. Com esposa e filhos
4. Em Encontro da FEB (é o de óculos escuros)



2



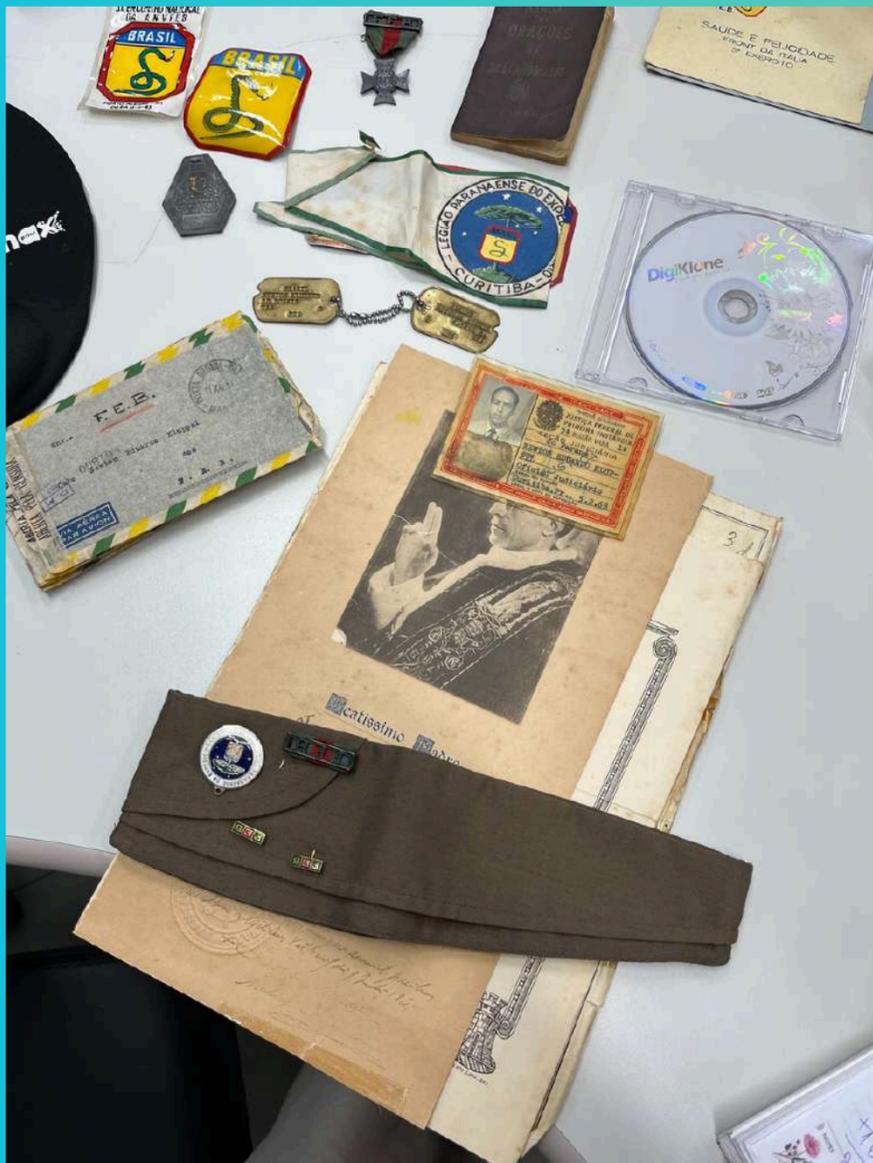
3



II ENCONTRO NACIONAL
DOS VETERANOS
PORTO ALEGRE - RS
NOVEMBRO/83



4



1



2



3



4

1. Coleção de objetos pertencentes a Newton Klüppel - insígnias da FEB, medalhas de mérito, "chaveiros" de identificação, o "bibico" (espécie de chapéu ou gorro arredondado, usado por soldados, cabos e sargentos) e o livro de orações que sempre o acompanhava no "front".
2. Cartas enviadas pela família, com o carimbo "Aberta pela censura".
3. O Manual de Orações do Soldado Brasileiro, entregue a todos os combatentes.
4. No meio do manual, uma flor, já desidratada, possivelmente colhida nos campos da Itália entre 1944 e 1945.

Cartas da tia Helena, manuscritas, e do pai, Jorge, datilografadas; as duas últimas já falam do final da guerra e da expectativa para seu retorno ao Brasil

P. Grossa 14-6-75
Vida do povo dahi
Querido Newton
Recebi tua carta de 25 de Maio assim como o cartão que me enviaste para o aniversário e mais outros cartões, as quais agradeço. ~~bellissimos~~ beijos de
Espero que esta carta te encontre gozando saude e bem disposto, enquanto nos aqui vamos passando bem de saude; vovô e vovó estão bem mandam agradecer os cartões que tens enviado e muitas lembranças e abraços.
Novidades aqui ha muitas que saberes quando voltares, mas a principal eu tenho que contar ja e que tens mais um priminho, filhinho da tia Ninê
Fiquei contente em saber que tens aproveitado tua estadia ahi para conhecer alguma coisa do velho mundo; abra bem os olhos para aproveitar esta oportunidade unica pois quando volta

- nos nos contardas das belezas ahi e da vida do povo dahi.
Nos aqui estamos no inverno com saude e temos tido muitas geadas mo o frio não tem sido muito rigoroso pois como deves estar lembrado, as dia de geadas são bellissimos beijos de sol.
Não sei si esta carta ainda te alcançara, pois sabemos que estão prest para embarcar de volta, e nos aqui ja estamos preparando as braças para abraçat-os na chegada.
Aceite abraços do Eduardo, Luis Carlos, Lante e de tua tia
Helena

Ponta Grossa, 29 de Maio de 1945.-
Estimado Newton
Recebi tua carta de 27 de Abril, os cartões de 5 de Maio, assim como tua fotografia, pelo que fiquei muito alegre.-
Aqui houve muitas festas por ocasião de nossa vitória. Elas durarem vários dias. Soltaram tantos foguetes que o Marcos Eduardo ficou assustadíssimo. Não podia nem mais dormir. Todo mundo ficou satisfeito. Só a barulheira era demais. Ficava-se até nervoso de tanto estouro de bombas. Felizmente bombas de PAZ. Enfim a velha Europa - o berço da civilização - vai entrar em nova fase de vida, vida de reconstruções, de paz, de novos regimes, de comércio, etc. - Domingo, dia 27 de Maio, houve grande missa campal na Praça Rio Branco, em ação de Graça, ~~para~~ aos Expedicionários Pontagrossenses, rezada pela S. Excia o Bispo, Dom Antônio Mazarotto. - A ela compareceram muita gente católica, autoridades civis, militares e eclesiásticas. O 13 R.I. também compareceu e sua banda de música tocou vários hinos que foram cantados por muitos presentes. O Tiro 21 também ~~foi~~ ^{vai} festejar condignamente os expedicionários saídos de suas casernas, e já me pediram o teu nome e tua fotografia que vai ficar exposta no salão daquela unidade. -
Pelo teu aniversário remeti um telegrama. Penso que o recebeste. A tua tia Helena também te enviou um. Mandamos-te igualmente várias cartões de Ponta Grossa.
Agora só penso no teu regresso que deve ser logo, conforme divulgam as notícias de jornais. Se souberes o dia de teu embarque ou de tua chegada no Rio, telegrafe de lá ou do Rio. Na Capital da República estão em andamento os preparativos de grande e imponentes festejos de recepção aos nossos valerosos expedicionários e fala-se na construção de um arco de Triunfo.

Junto seguem 3 fotografias: uma da Eneri, outra do Ronald e outra do Marcos Eduardo.-
Todos os parentes mandam recomendações. Espero o teu regresso e envio muitos abraços.-
do teu Pai
Jorge

Entre Rios, 15 de Outubro de 1945.-
Estimado Newton
Sábado, quando cheguei em casa, encontrei a tua carta de 4 deste mês. Fiquei satisfeito pelo teu regresso e pelas notícias transmitidas. Espero que, dentro de semanas, estarás em casa. A Eneri já te escreveu ao endereço do Realengo e ela quer que nos avise uns 5 dias de antecedência quando da tua volta para casa. Queremos esperar-te na estação. Recebi também os dois telegramas teus. - -
A tua licença será temporário ou definitiva? Terás que voltar para o Rio? Não recebes baixa ainda? Escreva-me alguma coisa a esse respeito. -
Quanto ao dinheiro que vais receber (fundo de previdência) e mais o que tens em bolso... muito cuidado. No Rio tem espertalhões que enxergam através da roupa e roubam até de expedicionários incautos. Se quizeres poderás mandar este dinheiro pelo Banco do Brasil daí ao meu nome aqui, para não carregares a bolada no bolso dia e noite. Creio que é muito incomodo. Portanto resolve o que entenderes sobre isto. Quanto importa o fundo de previdência teu? Será mais de 20 mil cruzeiros? Aqui falam muito nisto, de modos que não posso acreditar, sem ver. -
O Jofre chegou na semana passada. Toda a família dele o foram esperar na estação; foi como uma procissão, da estação á casa. Afinal ele está aqui. - Chegaram também outros expedicionários e creio que serás o último talvez a voltar. -
O Ronald fala muito de ti. Ele já sabe andar de bicicleta e agora já sabe fazer dançar pião com a fiação. O Ginho está fazendo provas no Ginásio. Ele já fez as provas no Tiro e no dia 19 de Novembro haverá o juramento da bandeira. Creio que o Tiro foi coisa canja este ano, pois, conforme diz o Ginho, todos passaram. A tua avó e teu avô continuam no mesmo. É aquele sofrimento, tanto um como outro. - Todos de casa mandam recomendações. Aceite um abraço
do teu Pai.
Jorge

Oswaldo Pires



Rio, 23 de maio de 1986

Caro Veterano

Tivemos, neste último 22 de abril, dois atos que por sua beleza, grandeza e importância foram, sem dúvida, um marco histórico para o 1º Grupo de Aviação de Caça.

O primeiro foi a outorga da "Blue Ribon" aos integrantes do glorioso "Senta a Pua", demonstrando o reconhecimento oficial do Governo Americano ao destacado desempenho em combate da Unidade.

O segundo ato foi a proclamação de nosso comandante, Brig Ar Nero Moura, como "Patrono da Aviação de Caça Brasileira", fazendo justiça ao líder que não só orientou nossos homens na guerra como, ainda, dedicou toda a sua vida ao engrandecimento e defesa dos interesses da Caça como um todo.

Com o propósito de fazer perdurar as emoções vividas na ocasião, e com a intenção de proporcionar o registro histórico e legal da solenidade, estamos enviando, ao ilustre companheiro, uma coletânea dos documentos pertinentes, constando de:

- Citação do Exmº Sr Presidente dos EEUU (cópia do original)
- Citação do Exmº Sr Presidente dos EEUU (texto traduzido)
- Discurso do Exmº Sr Secretário da Força Aérea Americana (tradução)
- Ordem do Dia do Exmº Sr Ministro da Aeronáutica
- Mensagem da FAB ao Piloto de Caça (do Exmº Sr Ministro da Aeronáutica)
- Palavras do Comandante do 1º Gp Av Ca (Solenidade do Monumento do P-47)

Na certeza de contarmos com sua presença no próximo 22 de abril, queira receber um abraço do companheiro da Caça.

SILVIO POTENGY - TEN CEL AV
COMANDANTE DO 1º Gp Av Ca

Oswaldo Pires



No uso dos poderes que me são conferidos como Presidente dos Estados Unidos e em minha qualidade de Comandante-em-Chefe das Forças Armadas dos Estados Unidos, adjudiquei no dia de hoje a

CITAÇÃO PRESIDENCIAL DE UNIDADE
POR EXTRAORDINÁRIO HEROÍSMO
AO
PRIMEIRO GRUPO DE AVIAÇÃO DE CAÇA DO BRASIL
FORÇAS ARMADAS DO BRASIL

O Primeiro Grupo de Aviação de Caça do Brasil, Forças Armadas do Brasil, distinguiu-se por seu extraordinário heroísmo em operações militares contra um inimigo do Brasil e dos Estados Unidos no Teatro de Operações do Mediterrâneo, em 22 de abril de 1945. Ao prestar heróicos serviços com suprema bravura e ao demonstrar consumada aptidão em matéria de reconhecimento armado e ataques com caças-bombardeiros, bem como ao mostrar excelente coordenação tática com o Quinto Exército, a Unidade contribuiu diretamente para que os Aliados cruzassem o rio Pô. A Unidade destruiu grande quantidade de material e veículos do inimigo, assim evitando que este se refugiasse no esquema de segurança preparado em sua defesa de retaguarda. Ao descobrir, nas imediações de Mantua, Itália, um centro motorizado inimigo habilmente camuflado e fortemente defendido, a Unidade destruiu pelo menos 45 veículos e seguramente imobilizou muitos outros. Ao hostilizar pontões do inimigo no rio Pô, a Unidade ajudou a impedir sua retirada, frustrando quaisquer meios de evasão de muitos elementos germânicos. Por sua vigilante cobertura aérea de redes viárias e posições preparadas para batalha, a Unidade destruiu numerosos outros veículos, inclusive peças de campo blindadas, e hostilizou posições de trincheira.

Embora as baixas sofridas hajam reduzido sua disponibilidade de pilotos a cerca de metade da dos esquadrões da Força Aérea dos Estados Unidos em operação na mesma área, a Unidade realizou idêntico número de sortidas, com desempenho incansável e superior ao normalmente esperado no cumprimento do dever. A manutenção de suas aeronaves foi altamente eficiente. Sérias dificuldades meteorológicas foram enfrentadas com excelente planejamento e navegação. Com insuperável capacidade de manejo de câmeras, a Unidade fotografou os resultados dos ataques e contribuiu para o registro pictórico de uma memorável campanha. De 44 sortidas, 11 missões aéreas destruíram nove transportes motorizados e danificaram outros 17. Ademais, a Unidade destruiu as instalações de um grupo de transporte motorizado, imobilizou 35 veículos de tração animal, danificou uma ponte rodoviária e um cruzamento de pontões, destruiu 14 prédios ocupados pelo inimigo e danificou outros três, atacou quatro posições militares e inflingiu muitos outros danos. O profissionalismo, a dedicação ao dever e o extraordinário heroísmo demonstrados pelos integrantes do 1º Grupo de Aviação de Caça do Brasil confirmam as mais finas tradições do serviço militar e refletem a mais alta reputação que conquistaram tanto para si como para as Forças Armadas do Brasil.

Oswaldo Pires (a) Ronald Reagan

Oswaldo Pires, ao que indica a foto em que usa uma jaqueta com o emblema "Senta a Pua", da FAB, e as cartas recebidas, pertenceu ao Grupo de Aviação de Caça (GpAvCa); dentre o material recebido, é o único combatente com atuação pela FAB. Ao lado, medalha recebida, e cartas do comandante do 1º GpAvCa e do presidente americano Ronald Reagan, de 1986, com elogios à atuação do Grupo na 2ª Guerra Mundial.



Pedro Antônio Jordan



1

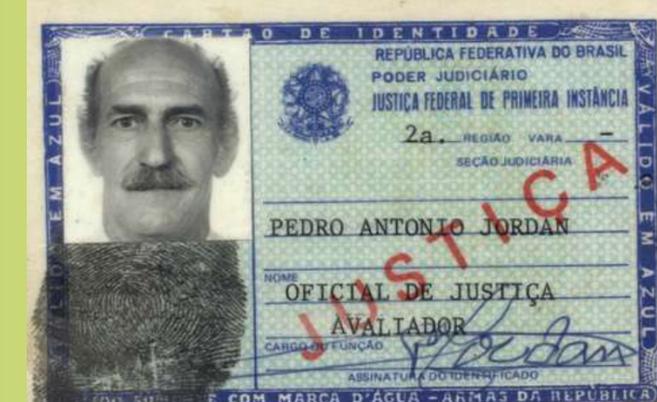


2



3

1. Medalha de Campanha, recebida em 1963.
2. Menção honrosa recebida em Sertãoópolis/PR.
3. Certificado de reservista em que aparece a função de telefonista exercida durante a campanha da FEB na Itália.
4. Carteirinhas da FEB e da Justiça Federal em dois modelos (1977) e (1986)



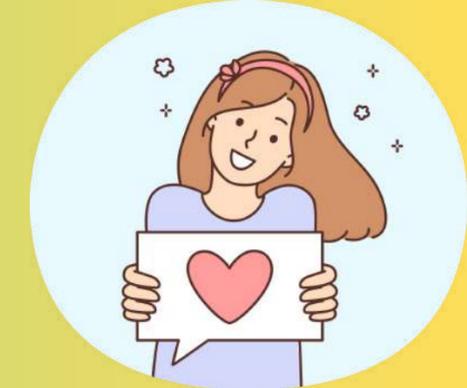
4



Esta exposição acontece também de forma presencial, de maio a setembro de 2025, no hall da Sala da Memória “Fábio Luiz dos Santos”, térreo do Fórum Juiz Federal Manoel de Oliveira Franco Sobrinho (Av. Anita Garibaldi, 888, Cabral, Curitiba/PR), podendo ser visitada das 13 às 18 horas.

Se você está em Curitiba, venha se emocionar com os itens expostos, e conhecer de perto a incrível jornada de nossos servidores pioneiros, também heróis da 2ª Guerra Mundial!





Agradecimentos mais que especiais

Aos familiares dos servidores pioneiros e ex-expedicionários da FEB, pela generosidade em compartilhar conosco seus “tesouros de memória”:

Irani Schleder (filha de Florys de Paula Schleder)

Julieta Mazarotto (filha de José Gregório Mazarotto)

Léa Pires (filha de Oswaldo Pires)

Maria Helena Jordan (viúva de Pedro Antônio Jordan)

Paulo Roberto Marques (filho de Emanuel Marques)

Zenewton Eduardo Klüppel (filho de Newton Eduardo Klüppel)

Aos professores **Cristiano Rocha Affonso da Costa** e **Dennison de Oliveira**, estudiosos e pesquisadores da história da FEB na 2ª Guerra Mundial, autores de livros e pesquisas sobre o tema, pelos muitos esclarecimentos e indicações de leitura.

Ao **Museu do Expedicionário em Curitiba**, na pessoa de seu diretor, **Cel. Said Zendim**, pelo auxílio fundamental no empréstimo de peças para a exposição presencial.



Fontes consultadas

Acervo JFPR

Memorial da FEB

Museu do Expedicionário

Exército Brasileiro

BBC Brasil

Acervo O Globo

Uol - Brasil Escola

Arquivo Nacional

Biblioteca Nacional

Agência Senado

Fundação Getúlio Vargas

Wikipedia, a enciclopédia livre

JUSTIÇA FEDERAL

Seção Judiciária do Paraná

Juíza Federal Luciana da Veiga Oliveira

Diretora do Foro da JFPR

Juíza Federal Luciane Merlin Clève

Vice-Diretora do Foro

Juiz Federal Rony Ferreira

Coordenador da Comissão de Gestão da Memória JFPR

Layre Colino Neto

Diretor Administrativo

Divisão de Documentação e Memória

Núcleo de Memória Institucional

Afonso César da Silva

Diretor da Divisão

Pesquisa, redação, projeto gráfico e diagramação

Dulcinéia Tridapalli

Diretora do Núcleo de Memória Institucional

Jade Savitraz e Maria Flávia Pereira Ferreira

Estagiárias de História e Jornalismo